JANEIRO DE 2025

AVENTURAS NA HISTÓRIA

WWW.AVENTURASNAHISTORIA.UOL.COM.BR

PERFIL

NO SÉCULO 18, CIENTISTAS CRIARAM A SOCIEDADE LUNAR

A PRIMEIRA CAPITAL DO BRASIL AOS OLHOS DE ARTISTAS VIAJANTES

EGITO: NEFERTITI FOI A MAIS INFLUENTE PESSOA DE SEU TEMPO

A QUEDA DE SAIGON

HÁ 50 ANOS, OS AMERICANOS DEIXARAM A CAPITAL SUL-VIETNAMITA E A TROPA VERMELHA ASSUMIU O PAÍS. ERA O PONTO FINAL DA GUERRA DO VIETNÃ, QUE MUDOU OS ESTADOS UNIDOS PARA SEMPRE

Telegram @clubederevistas

PERFIL

Presidente
Luis Fernando Maluf

Diretor Editorial:
Thiago Lincolins

AVENTURAS NA HISTÓRIA

Edição:
Izabel Duva Rapoport

Editora de arte colaboradora:
Marília Filgueiras

Revisão:
Hellen Ribeiro

Telegram @clubederevistas

AVENTURAS NA HISTÓRIA

A QUEDA DE SAIGON

HÁ 50 ANOS, OS AMERICANOS DEIXARAM A CAPITAL SUL-VIETNAMITA E A TROPA VERMELHA ASSUMIU O PAÍS. ERA O PONTO FINAL DA GUERRA DO VIETNÃ, QUE MUDOU OS ESTADOS UNIDOS PARA SEMPRE

EDIÇÃO 260

SÃO PAULO
EDITORA PERFIL
2025

Telegram @clubederevistas

PAZ DEMORADA

Em 1973, um tratado assinado em Paris acabou formalmente com a Guerra do Vietnã. Os EUA retirariam suas tropas em troca da libertação de prisioneiros. Mas não foi o que aconteceu. Em seis meses, o Vietnã do Norte viu cair do céu toneladas de bombas. Até que, um ano depois, Nixon renunciou, aumentando as chances de os norte-vietnamitas atacarem o Sul para tomar a capital daqueles jovens soldados norte-americanos que nem sabiam por que lutavam.

O cessar-fogo ainda levaria um ano, mas finalmente aconteceu, transformando a mentalidade de muita gente. Contra todas as expectativas, os vietnamitas do Norte haviam vencido a batalha contra a maior potência do mundo. E mostravam, não apenas aos EUA, mas a toda a humanidade, que até mesmo conflitos desiguais como esse, de 50 anos atrás, podem surpreender. Para esta edição de AVENTURAS NA HISTÓRIA, o autor da reportagem de capa, Ricardo Lobato, teve o privilégio de assistir, em primeira mão, à nova série documental *Vietnã: A Guerra que Mudou os EUA*, disponível no Apple TV+. Recomendamos fazer o mesmo, logo depois de ler nosso texto.

Boa leitura!

Izabel Duva Rapoport
Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Guerra do Vietnã : a queda de Saigon :
há 50 anos, os americanos deixaram a capital
Sul-Vietanamita : sem resistência, a tropa
vermelha assumiu o país e colocou um ponto
final no conflito que mudou os Estados Unidos /
[Perfil Brasil]. -- 260. ed. -- São Paulo :
Perfil Brasil Comunicações, 2025. -- (Aventuras
na história)

ISBN 978-65-80901-59-3

1. História universal 2. Vietnã - História
3. Vietnã, Guerra do, 1961-1975 I. Série.

25-249118 CDD-909

Índices para catálogo sistemático:

1. História universal 909

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Telegram @clubederevistas

SUMÁRIO

30 CAPA: O FIM DA GUERRA DO VIETNÃ MUDAVA NÃO APENAS O PAÍS RECÉM-UNIFICADO, MAS TAMBÉM OS EUA, PARA SEMPRE

6 **GALERIA**
Iconografia baiana em tempos coloniais

12 **HOJE NA HISTÓRIA**
Aconteceu em janeiro

14 **ARTE**
A Execução de Lady Jane Grey, por Paul Delaroche

16 **À MESA**
Comida chinesa

18 **COMO FAZÍAMOS SEM**
Óculos de sol

20 **DÚVIDA CRUEL**
Que fim levou o último César?

22 **LINHA DO TEMPO**
Humanidades

58 **MEMÓRIA**
Funeral histórico do primeiro-ministro Winston Churchill

24 CIÊNCIA
No século 18, os maiores cientistas da Inglaterra uniram conhecimentos e criaram a Sociedade Lunar

42 PERSONAGEM
Nefertiti: adorada como deusa, a rainha do Egito foi a pessoa mais influente de seu tempo

50 LITERATURA
Escravidão, versão ilustrada, mostra os ecos do escravagismo no Brasil

54 **COLUNA** FABIO PREVIDELLI

56 **COLUNA** ADELMO MARCOS ROSSI

NO PODCAST SEMANAL DA AVENTURAS NA HISTÓRIA VOCÊ ACOMPANHA OS PRINCIPAIS ASSUNTOS SOBRE A HISTÓRIA DO MUNDO E DO BRASIL AO LONGO DOS SÉCULOS. AVENTURE-SE!

Telegram @clubederevistas

PRIMEIRA CAPITAL

Telegram @clubederevistas

DO PAÍS

PEÇAS DE ARTE E LITERATURA SOBRE A BAHIA MOSTRAM A FORMAÇÃO DO BRASIL POR MEIO DAS OBRAS DE ARTISTAS VIAJANTES **POR IZABEL DUVA RAPOPORT**

Telegram @clubederevistas

CENAS DE SALVADOR

Mesmo antes da chegada da família real portuguesa ao Brasil, em 1808, e a abertura dos portos no processo de ocupação, a Bahia já havia sido visitada por artistas e exploradores – sobretudo holandeses – que reproduziram paisagens e personagens da região. Salvador, a primeira capital da colônia (de 1549 e 1763) foi a mais retratada, especialmente a partir da transferência da corte, quando o interesse artístico e documental dos estrangeiros pelas terras e populações baianas aumentou. Este foi o recorte escolhido para o novo livro organizado pelo editor e curador Pedro Corrêa do Lago, *Iconografia Baiana na Coleção Flávia e Frank Abubakir* (Editora Capivara). Entre as 269 imagens e análises cuidadosas, há raros óleos, aquarelas, gravuras e alguns dos primeiros mapas do Brasil. A pintura abaixo, *Mulher em Caminho de Terra*, foi feita em 1864 pelo francês Jean-Baptiste Grenier, que destacou a escala de tamanho entre a pessoa e a parte verdejante da obra. Já o quadro da página anterior, *Vista do Porto de Salvador*, do italiano Joseph Léon Righini, evidencia a beleza extensa do lugar.

Telegram @clubederevistas

CARTA GEOGRÁFICA

Das raridades cartográficas da maior coleção privada do país que reúne a iconografia baiana entre os séculos 17 e 19, destaca-se o *Plano da Cidade da Bahia no Brasil*, elaborado pelo engenheiro holandês Joos Coecke durante a ocupação de 1624, quando seus conterrâneos tomaram Salvador por um ano, até serem expulsos pelos portugueses. Esse mapa, com impressionante precisão, a ponto de corresponder à cartografia atual da cidade, faz parte do atlas *Hollandia Ichonographia Aggerum at Castellorum in Hollandia*, que contém uma série de 80 desenhos de castelos, fortificações e batalhas da Guerra dos Oitenta Anos (sobre a independência dos Países Baixos), além do único da publicação a representar uma cidade americana. "Criado em um momento em que a cartografia luso-americana era assunto político, de caráter restrito e controlado por Portugal, este documento holandês é uma das melhores representações de Salvador conhecidas até hoje. De perspectiva zenital, comum em plantas da capital nessa época, o mapa destaca a posição dos holandeses e do dique por eles construídos no perímetro urbano, bem como indica a localização de igrejas, mercados e fortes", explica o professor e historiador, mestre e doutor em História pela Universidade Federal da Bahia, Daniel Rebouças, sobre uma das joias iconográficas reveladas no novo livro.

Telegram @clubederevistas

AQUARELA, BICO DE PENA E LÁPIS

"Os desenhos, guaches e aquarelas foram as principais formas de registro visual dos viajantes que passaram pelo Brasil, sobretudo no século 19", lembra Daniel, autor dos textos de abertura dos capítulos de *Iconografia Baiana*. Segundo ele, desenhar fazia parte da formação básica do Exército, da Marinha e das pessoas instruídas em geral, nos principais países europeus. "Assim, esses estrangeiros nos deixaram muitas aquarelas que formam, inegavelmente, uma preciosa documentação da nossa paisagem e cotidiano, repleta de detalhes que, por vezes, não ficaram evidentes em outras fontes", afirma. Um dos integrantes da Marinha inglesa, William Smyth, de passagem pelo Brasil em 1834, chamou a atenção dos curadores pelo belo enquadramento que fez em sua obra *Ladeira da Fonte dos Santos Padres*. "Ele mostra o centro antigo de Salvador tomado do sopé da Ladeira do Taboão, limite das freguesias do Pilar e do Passo, na esquina da Rua Conde d'Eu, numa composição de fotógrafo antes da fotografia, de uma rara sofisticação dentre os artistas de sua época", ressalta o soteropolitano João Dannemann, especialista em conservação, restauro e História da Arte. Informações sobre costumes também podem ser percebidas com precisão na obra do inglês. "Ela se destaca expondo o dinamismo urbano e social de Salvador em 1834, em uma aquarela muito bem acabada, onde aparece um grande número de tipos, de classes e profissões sociais variadas", diz Daniel.

IMAGENS DVULGAÇÃO / EDITORA CAPIVARA

Telegram @clubederevistas

IDEALIZAÇÃO EUROPEIA

Na coleção Flávia e Frank Abubakir, as gravuras representam um grande espaço – não apenas como produções avulsas e independentes, mas também como livros ilustrados. É o caso da versão em francês do famoso *Viagem Pitoresca Através do Brasil*, publicado em 1835 pelo alemão Johann Moritz Rugendas. Essa obra, porém, de acordo com estudiosos, não deve ser vista como um reflexo do olhar do viajante. "Textos e imagens passaram por uma grande interferência do editor Godefroy Engelmann e de jovens litógrafos franceses, que jamais tinham pisado no Brasil", alerta Daniel, nos fazendo refletir sobre a exuberante natureza retratada, por exemplo, na obra *Foz do Rio Cachoeira*, feita no sul da Bahia. "É preciso ter em mente que as paisagens atendiam a uma construção, em grande medida, idealizada. Visavam gerar a fascinação do público europeu, diante da vida selvagem vibrante e, ao mesmo tempo, calma."

Telegram @clubederevistas

ACONTECEU EM JANEIRO

1º **1818** A **Casa Branca**, residência presidencial norte-americana, é oficialmente reaberta. O prédio fora incendiado por tropas britânicas quatro anos antes

2 **1839** O fotógrafo francês Louis Daguerre tira a **primeira fotografia da Lua**, usando uma chapa de metal. Dois meses depois, seu laboratório pegou fogo, destruindo todo o registro

3 **1521** Cerca de um mês depois de queimar a bula *Exsurge Domine*, do papa Leão X, que condenava 41 de suas proposições, **Martinho Lutero** é excomungado pela Igreja Católica

4 **1956** O pintor brasileiro **Cândido Portinari** entrega na sede da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York, a obra *Guerra e Paz*, em dois gigantescos painéis.

5 **1793** A rainha de Portugal, **Maria I**, promulga um alvará proibindo o estabelecimento e desenvolvimento de fábricas e manufaturas no Brasil

6 **1939** O estudante Jerry Siegel escreve um conto, ilustrado por seu colega de classe Joe Shuster. O título ***The Reign of the Superman*** marca a estreia do Homem de Aço nos quadrinhos

7 **1610** **Galileu Galilei** descobre quatro satélites de Júpiter – Io, Europa, Ganimedes e Calisto. A descoberta ajudaria a sustentar sua teoria de que a Terra não é o centro do Universo

8 **1324** Morre aos 69 anos o navegador italiano **Marco Polo**. Com 15 anos, acompanhou o pai, que havia estendido seus negócios para Constantinopla, e o tio em uma viagem ao Oriente

9 **1878** **Umberto I** é aclamado rei da Itália. Ele seria assassinado em 1900 e acabaria entrando para a História como o penúltimo monarca do país. O regime acabaria em 1944

10 **1863** O **metrô de Londres**, o primeiro do mundo, começa a funcionar. Os trens eram movidos a vapor e foram criados para diminuir o tráfego dos veículos puxados por cavalos

11 **532** Torcedores dos jogos romanos começam a **Revolta ne Nika** para derrubar o imperador Justiniano I. O protesto durou sete dias e foi contido depois da morte de 30 mil pessoas

12 **1879** Tem início a **Guerra Zulu**, a anexão de um reino independente na África do Sul. Após alguns revezes, prevaleceria a superioridade tecnológica dos britânicos

13 **1750** Espanha e Portugal assinam o **Tratado de Madri**, que redefine as fronteiras entre os territórios na América, anulando o que havia sido estabelecido pelo Tratado de Tordesilhas

14 **378** O general maia **Siyaj' Kak'** conquista a importante cidade de Tikal, na atual Guatemala, e começa a substituir os líderes das cidades-Estados do território

15 **1976** Quase 400 anos depois da abertura do primeiro terreiro, o **Candomblé** é reconhecido na Bahia como religião. Com isso, coloca-se um fim às perseguições policiais aos fiéis.

16 **762** O califa Al-Mansur convoca dos astrônomos para projetar a nova capital muçulmana, hoje **Bagdá**. Ela recebeu o nome de Madinat Al-Salam, Cidade da Paz.

Telegram @clubederevistas

17 **1929** O Marinheiro **Popeye**, personagem criado pelo cartunista americano Elzie Crisler Segar, faz a sua primeira aparição em uma tirinha intitulada *Thimble Theatre* para o *Evening Journal*, de Nova York.

18 **1670** Agindo em nome de seu país, o corsário inglês **Henry Morgan** captura a cidade do Panamá, da Espanha. Acabaria indo parar na cadeia, porque, sem saber, um acordo de paz tinha sido firmado.

19 **1915** Bombardeios de **Zepelins** alemães a pequenas vilas inglesas, causando quatro mortes e 16 feridos. É o primeiro ataque aéreo de civis na História.

20 **1980** Os Estados Unidos anunciam boicote às **Olimpíadas de Moscou**, em retaliação à invasão dos soviéticos no Afeganistão. Outros 69 países também não participaram dos jogos.

21 **1793** O rei **Luís XVI** é guilhotinado pelos revolucionários franceses. Sua condenação foi decidida numa votação apertada: 361 a favor e 360 contra sua pena de morte.

22 **1808** A **família real portuguesa** desembarca em Salvador. Acompanhada de quase 15 mil membros da corte, a família real foge da invasão napoleônica. Num evento único, o Rio seria a capital de Portugal.

23 **1556** Um **terremoto** atinge a província de Shaanxi, na China. Mais de 830 mil pessoas pereceram e cerca de 1300 km² da província foram completamente destruídos, afetando 97 municípios.

24 **1942** Sob ocupação dos japoneses, a capital tailandesa **Bangcoc** é bombardeada por uma força conjunta de americanos e britânicos. A Tailândia se une ao eixo contra os aliados.

25 **1533** O rei da Inglaterra **Henrique VIII** se casa com a sua segunda esposa, **Ana Bolena**, após romper com a Igreja Católica ao ter recusado seu pedido de anular o seu casamento com Catarina de Aragão.

26 **1952** Protestos antibritânicos conhecidos como **Sábado Negro** atingem o Cairo, Egito, e resultam na queima e saque de mais de 750 edifícios. A causa foi a morte de 50 egípcios por oficiais coloniais.

27 **1967** EUA, Reino Unido e URSS assinam o **Tratado do Espaço Exterior**, que proíbe a implantação de armas nuclear no espaço e limita o uso da Lua e outros corpos celestes para fins pacíficos.

28 **1985** Michael Jackson chega ao estúdio A&M, em Hollywood, para a última sessão de gravações da canção ***We Are the World***, que arrecadaria US$ 63 milhões para ajudar a África.

29 **1886** O **primeiro carro a gasolina** é patenteado por Karl Benz em Karlsruhe, na Alemanha. Em julho, seria apresentado o modelo pronto, o Benz Patent-Motorwagen, que só chegava a 8 km/h.

30 **1649** O rei **Carlos I** da Inglaterra é decapitado após falhar em sufocar a Guerra Civil no país e buscar refúgio na Espanha. Foi o primeiro monarca europeu executado a mando de um Parlamento.

31 **1542** O espanhol **Álvar Núñez Cabeza de Vaca** encontra as Cataratas do Iguaçu, na divisa entre Brasil e Argentina. Elas são hoje Patrimônio Natural da Humanidade.

Telegram @clubederevistas

A EXECUÇÃO DE LADY JANE GREY

OBRA FOI GESTO DE AMIZADE ENTRE POTÊNCIAS RIVAIS POR REDAÇÃO AH

Em julho de 1553, Jane Grey recebeu a notícia de que era rainha da Inglaterra. Seu primo, o jovem rei Eduardo VI, nascido no mesmo ano que ela e morto aos 15, a havia apontado como sucessora. Era tudo uma manobra de John Dudley, o Duque de Northumberland, que atuava como regente para o falecido adolescente. Seu plano era evitar que o trono passasse a uma católica, Mary Tudor – que entraria para a História como Bloody Mary, a "Maria Sangrenta". Logo veremos por quê.

Dudley era sogro de Lady Jane, casada aos 12 anos com seu filho Guildford, que tinha a mesma idade. O reinado de Jane duraria exatamente nove dias, tempo para Mary juntar tropas e seguidores e depor a rainha adolescente, acusada, com seu marido e sogro, de alta traição.

O duque foi executado no mesmo ano, mas Mary estava disposta a perdoar os jovens. Seria assim não fosse pelo pai de Jane, Henry Grey, que participou de uma revolta anticatólica enquanto a filha estava presa. Isso selou o destino da nobre e de seu marido, decapitados no mesmo dia, 12 de fevereiro de 1554, aos 16 anos de idade.

O quadro é de quase 300 anos após o evento. Paul Delaroche, um pintor acadêmico, era célebre por seus quadros históricos dramáticos. A imagem de Lady Jane lembrava os franceses de Maria Antonieta e as atrocidades da Revolução Francesa. Pintar a História britânica, puxando para a francesa, era um gesto de amizade, numa época em que o rei Luís Filipe I forjava uma aliança com os antigos arquirrivais.

ACOMPANHANTES

A Torre de Londres não era uma prisão no sentido moderno da coisa. Era um castelo, e seus nobres prisioneiros ficavam em quartos comuns e confortáveis, não masmorras. Podiam até redecorar os aposentos e contavam com serviçais. Lady Jane tinha duas – uma das quais sua ama de infância. Como último gesto, entregou a ela suas luvas e lenço.

AO AR LIVRE

Delaroche pintou a execução numa masmorra. Na Torre de Londres, prisioneiros eram mortos ao ar livre, diante de testemunhas, num lugar chamado Tower Green. No século 19, a Rainha Vitória resolveu homenagear os mortos marcando com um pavimento em granito o local exato, dando origem a um memorial que está lá até hoje.

PÂNICO

Lady Jane manteve a compostura, declarando sua inocência e dando seu perdão ao carrasco. Até a hora em que colocou a venda sobre seus próprios olhos e se perdeu, tentando achar o bloco de decapitação com as mãos. A jovem então entrou em pânico e caiu em prantos, gritando "Onde está? O que eu faço?"

Telegram @clubederevistas

AJUDANTE

John Brydges, o Barão de Chandos, era o tenente da Torre de Londres, responsável pelos prisioneiros. Ele ajudou Lady Jane a pôr o pescoço sobre o bloco de execução. Ela então proferiu suas últimas palavras: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito" – as mesmas que Jesus teria dito na cruz, segundo o *Evangelho de Lucas*.

MISERICÓRDIA

Pelas leis britânicas da época, a punição para alta traição era o enforcamento e esquartejamento. Mas nobres, particularmente a realeza, estavam isentos disso. A decapitação, que é instantânea, era considerada um grande privilégio. O machado usado na execução era feito especialmente para esse propósito, mais pesado que machados de guerra, para garantir um corte limpo e rápido.

AFRANCESAMENTO

A plataforma elevada coberta com um pano preto também foi liberdade poética. Estavam presentes nas execuções dos nobres durante a Revolução Francesa. Delaroche buscava uma conexão entre a brutalidade política do passado de seu país e o dos novos aliados. A amizade sofreria alguns baques no fim do século, por questões coloniais, mas dura ainda hoje.

Telegram @clubedarevistas

COMIDA CHINESA

A MILENAR GASTRONOMIA DO PAÍS INCLUI RECEITAS E PREPAROS CURIOSOS **POR FLÁVIA PINHO**

Os primeiros gourmets não eram franceses. Há 4 mil anos, os chineses já escreviam sobre comida. "Trata-se, talvez, do único país do mundo em que sábios, filósofos, pensadores políticos e poetas escreveram tratados sobre alimentação e organizaram coletâneas de receitas", diz Ariovaldo Franco no livro *De Caçador a Gourmet – Uma História da Gastronomia* (Senac SP). De lá para cá, os chineses criaram muito mais que rolinhos primavera e frango xadrez. Conheça as principais curiosidades de uma das mais antigas e ricas culinárias do mundo.

1330

ALIMENTO QUE CURA

Os chineses sempre acreditaram que a saúde está diretamente ligada ao que se come – tanto que, durante muito tempo, eram os farmacologistas que lideravam a cozinha dos palácios. Muitos deles publicaram livros de receitas saudáveis. É o caso de *Princípios da Dieta Correta*, de Hu Su-Hui, publicado em 1330, segundo o qual a maioria das enfermidades poderia ser curada com uma dieta equilibrada. Ingredientes até hoje usados, como gengibre, alho-poró, cogumelos e botões secos de margaridas, chegaram à mesa por causa de suas funções medicinais.

SEM DATA CONHECIDA

OVO PODRE

O pihtan é, disparado, o prato mais excêntrico da cozinha chinesa. Trata-se de um ovo de pata que apodrece dentro de um pote cerâmico, sob camadas de cinzas, cal virgem, soda cáustica, chá e sal. Ao cabo de alguns meses, a gema fica cinzenta e a clara, preta e cremosa, tudo com acentuado aroma de enxofre. Diz a lenda que esse preparo foi criado pela família de um nobre encarcerado por seu opositor político sem direito a alimentação – para driblar os carcereiros, os parentes do preso teriam escondido o ovo em um vaso. Hoje, o pihtan é servido como entrada e aperitivo e tratado como uma iguaria fina.

@clubederevistas

◀ SÉCULO 3 A.C.

CHÁ MEDICINAL

O chá surgiu na Índia e foi levado para a China por volta do século 3 a.C. Era tido como erva medicinal e podia ser aromatizado com casca de laranja, cebola e gengibre. Depois vieram rosas, jasmim e camélias Na dinastia Tang (618 a 907), beber chá já era um hábito diário.

▲

HÁ 4 MIL ANOS

PARA FUGIR DA FOME

Para quem gosta de novidades, a mesa chinesa é um prato cheio. Nas ruas das cidades, comem-se espetinhos de cavalo-marinho, escorpião e até cigarra – os bichos vêm inteiros e são servidos bem crocantes O ensopado de carne de cachorro também é apreciado A escassez de recursos naturais está na raiz de hábitos tão curiosos. Há 4 mil anos, sucessivas guerras acabaram com a agricultura Só que o imperador Xiang Yu não admitia cardápio repetido. "Os cozinheiros apelaram para a criatividade", explicou o professor de culinária asiática Marcio Senji. Na tentativa de economizar lenha, as verduras, os legumes e as carnes passaram a ir para a panela já picados, o que reduzia o tempo de cozimento

SÉCULO 15 ▼

PATO COM CARAMELO

Era uma vez uma cidade onde o arroz, item número 1 da alimentação local, era transportado a pé pelos canais. Só que uma boa parte dos grãos acabava se perdendo e ia parar na barriga dos patos, que começaram a engordar dia após dia Essa história é verdadeira e aconteceu na Pequim do século 15 Encantados com aquelas apetitosas aves carnudas, os moradores trataram de garantir alimento para meses: mergulhavam os patos em uma conserva agridoce misturada com temperos salgados, passavam uma leve camada de caramelo por fora e deixavam os bichos pendurados por semanas. Ainda hoje, o pato de Pequim é feito assim.

Telegram @clubederevistas

ÓCULOS DE SOL

PROTEÇÃO SURGIU NA NEVE E É UTILIZADA DESDE A PRÉ-HISTÓRIA **POR REDAÇÃO AH**

Proteger os olhos dos raios solares é uma preocupação que vem da Pré-História. Os primeiros modelos de que temos notícias eram construídos pelos esquimós para amenizar os efeitos da luminosidade do sol que incide sobre a neve (*foto ao lado*) Eram utensílios muito simples, confeccionados em madeira, marfim ou tiras de baleia. Na região dos olhos havia pequenas fendas para que a pessoa pudesse enxergar onde estava indo. Esses óculos primitivos não deveriam ser lá muito eficientes, mas já ajudavam a diminuir o desconforto e os efeitos maléficos do sol na visão.

Na Roma Antiga, há registros de que o imperador Nero usou os primeiros óculos escuros conhecidos da História. Segundo historiadores, provavelmente tratava-se de lentes de vidro coloridas para proteger os olhos do imperador durante as apresentações nas arenas romanas.

O primeiro par de óculos com lentes escuras e armação surgiu na Alemanha, no século 13. No século seguinte, os franceses os deixaram mais leves e confortáveis e deram o nome de *pince-nez* – ficavam presos no nariz. Por volta de 1750, o inglês James Ayscough, fabricante de instrumentos científicos, pintou as lentes para tentar corrigir alguns problemas de visão. Não deu muito certo, mas ele criou o antecessor dos modelos atuais

Em 1929, surgiu nos Estados Unidos uma marca que tornou-se tão popular que virou sinônimo de óculos de sol: a Foster Grant. Ela foi lançada no calçadão de Atlantic City, Nova Jersey Seu dono, Sam Foster, ficou famoso nos anos 1960 por causa de uma campanha de marketing com atores famosos do cinema utilizando os seus óculos e a seguinte pergunta: "Quem está por trás desses Foster Grants?".

DO AVIÃO PARA AS RUAS

Um dos óculos de sol mais populares do planeta, o *ray-ban*, foi lançado no mercado consumidor em 1937 pela Bausch & Lomb. Mas sua história começou anos antes, quando um piloto da Força Aérea dos Estados Unidos chamado John McCready solicitou à empresa que desenvolvesse um modelo de óculos que fosse bonito e protegesse seus olhos dos raios solares durante as missões no ar. Tanto é que o nome *ray-ban* quer dizer algo como "banir raios".

Após anos de pesquisa, a empresa óptica desenvolveu um modelo que, no começo, era utilizado apenas pelos pilotos da Força Aérea. Por isso ficou conhecido como modelo aviador. Eram óculos com armações leves, de 150 gramas, banhadas a ouro e com lentes verdes feitas com cristal mineral capaz de filtrar os raios ultravioleta.

Bonito e confortável, o acessório rapidamente caiu no gosto dos militares e, após ser colocado nas prateleiras das lojas, tornou-se um clássico que resiste até hoje.

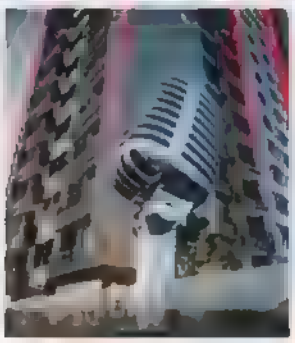
Telegram @clubederevistas

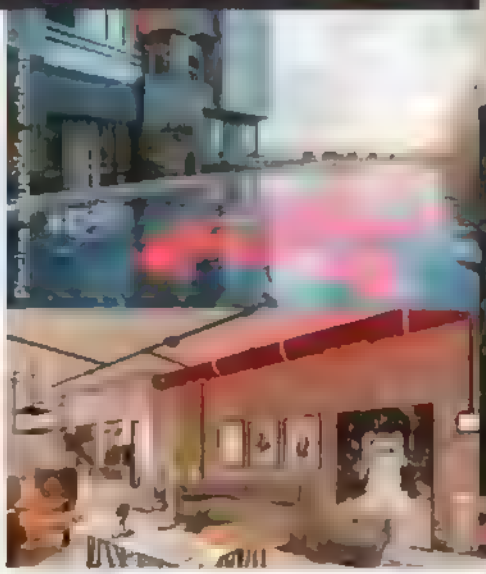
Rolling Stone BRASIL
BUILDING

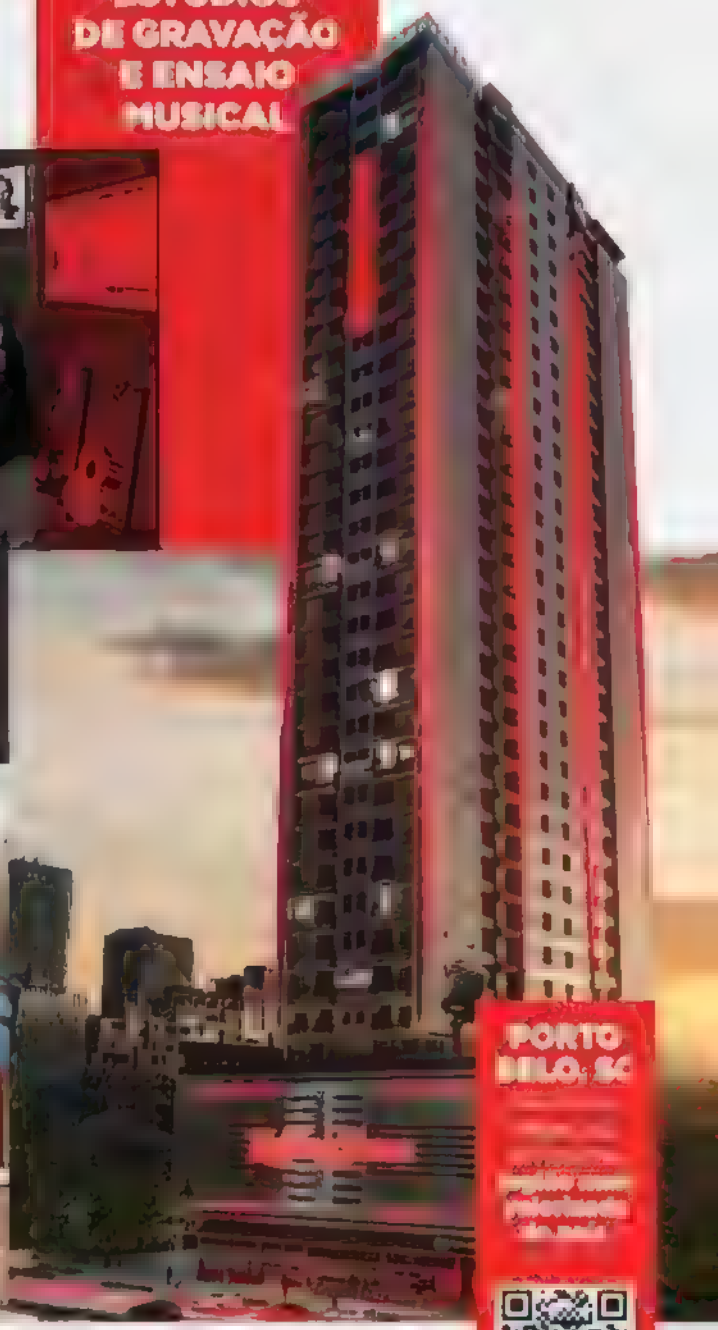
ÚNICO NO MUNDO.
UM SHOW À PARTE.

ESTÚDIOS DE GRAVAÇÃO E ENSAIO MUSICAL

APARTAMENTOS
de 85m² a 111,50m²
2 ou 3 SUÍTES







PORTO BELO, SC

SAIBA MAIS

ÁREA DE LAZER COM 3.477,55 m²

4 Espaços coworking • Loja de conveniência • Quadra pickeball
Brinquedoteca • Espaço gourmet e Fire place • Piscina infantil/Prainha
Redário • Sauna umida e seca • 2 Salões de festas • Academia • 3 Vestiários
Pub • Adega climatizada • Area para degustação de whisky e **muito mais**

construtorapotijuniorssa.com.br à potijuniorssa à rollingstonebr 47 99290-7980

by POTI JUNIOR'S S/A
CONSTRUTORA & INCORPORADORA

Telegram @clubederevistas

QUE FIM LEVOU O ÚLTIMO CÉSAR?

RÔMULO AUGUSTO FOI DEPOSTO AOS 15 ANOS E VIVEU EXILADO **POR REDAÇÃO AH**

A última pessoa com o título de imperador romano do Ocidente foi Rômulo Augusto, um coitado que acabou sendo deposto durante as invasões bárbaras de 476. Na verdade, quem mandava mesmo não era Rômulo, mas seu pai, o comandante militar Orestes, que fez dele imperador aos 15 anos. Quando Orestes morreu, apenas dez meses depois, os invasores hérulos, liderados pelo general Odoacro, condenaram o césar à morte. Mas, como ele era apenas um garoto, a pena foi cancelada. E, depois de receber uma boa mesada, ele se mudou para um castelo na cidade de Nápoles, onde viveu com conforto até os 51 anos. No fim das contas, foi um cara de sorte.

Dos 111 imperadores romanos da História, apenas 31 não foram assassinados. E Rômulo foi um deles. Quando ele trocou o papel de imperador por casa e aposentadoria, o título de césar desapareceu em Roma. Ele tinha sido criado no ano 31, quando o primeiro imperador, Otávio Augusto, homenageou o tio Júlio César: a partir daquele momento, todo rei romano tinha que fazer a mesma coisa que ele, acrescentar um "César" ao próprio nome. No final do século 3, surgiu o título "Augusto", agora em homenagem ao Otávio.

Os césares continuariam existindo ali perto, no império que governava o Marrocos e o Egito, na África, e o sul da França e da Itália, na Europa. Com sede na cidade de Constantinopla, na Turquia, o Império Romano Oriental teve césares até 1453, quando Constantino X foi derrubado pelos turcos-otomanos. Acabou assim o império mais longo da História: 1058 anos.

Se o fim do Império Romano do Ocidente marca o começo da Idade Média, a invasão de Constantinopla inicia a Idade Moderna.

Telegram @clubederevistas

CAS

CONECTANDO AMOR NO SERTÃO

OBRIGADA!

Você ajudou a mudar a vida dessas pessoas na primeira fase da campanha, que arrecadou 100 cisternas.

Agora, nosso objetivo é entregar

MAIS 100 CISTERNAS

para que essas famílias tenham acesso ao básico, ÁGUA.

Acesse, doe e faça diferença no mundo!

visaomundial.org.br/sertao

celular para o

Veja no link o documentário completo que destaca a resiliência das mulheres diante da escassez de água e o início das entregas da primeira fase.

MULHERES NO SERTÃO

A FORÇA QUE SUPERA A SECA

UMA CAMPANHA DE CARAS

Visão Mundial

Telegram @clubederevistas

AS OUTRAS "HUMANIDADES"

ANTES DE DOMINAR O PLANETA, CONVIVEMOS COM DIVERSOS HOMINÍDEOS

A configuração disto que somos hoje foi determinada há cerca de 190 mil anos. Na mesma época, surgia um outro tipo de gente na Europa e Oriente Médio, numa linha evolutiva paralela à nossa: o *Homo neanderthalensis*. Seu cérebro era do mesmo tamanho que o nosso, tinham a capacidade de falar e eram fortes e baixos (1,60 m de altura).

Por milênios as duas espécies conviveram em harmonia. Nossos ancestrais até ensinavam sua tecnologia (ferramentas, armas e adornos feitos de ossos e dentes) aos *neandertais* Quando resolveram brigar por território, especialmente na Europa, nossos "primos" sucumbiram às nossas armas mais sofisticadas. E desapareceram da face da Terra.

O *Homo sapiens* também conviveu com o *Homo erectus*, que viveu entre 1,8 milhão a.C. e 30 mil a.C. Esses parentes surgiram na África e se espalharam até a Oceania Seu cérebro tinha a metade do tamanho do nosso. E deram origem ao *Homo heidelbergensis*, que se dividiu em dois grupos: um foi para a Europa, onde enfrentou o gelo e o outro foi para a África, em meio a terríveis secas. Daí nasceram os *neandertais* e nós Numa dessas secas, há 100 mil anos, a população mundial de *sapiens*, que era de 30 mil pessoas, desabou para 2 mil Foi a única vez na História que corremos o risco real de extinção.

AUSTRALOPITHECUS AFARENSIS

3,8 milhões a.C. – 2,9 milhões a.C.

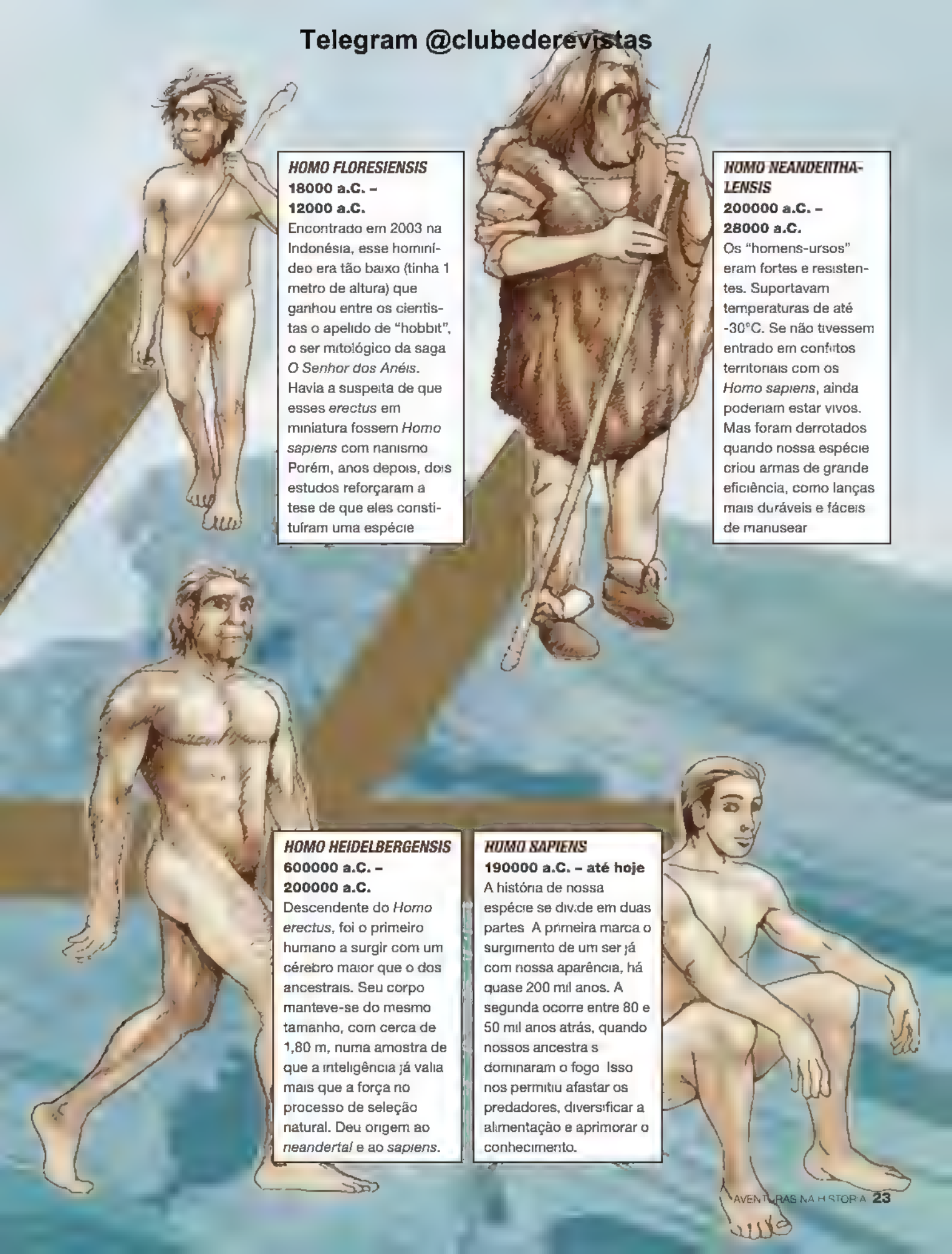
Nesse período, alterações climáticas fizeram com que uma gigantesca floresta tropical que existia na África desse lugar à savana. Alguns macacos ficaram sem galho e tiveram que se adaptar à vida no chão Surgiu então o *afarensis*, um macaco bípede que pode ter dado origem à família humana.

HOMO ERECTUS

1,8 milhão a.C. – 30000 a.C.

Disputou as savanas da África com parentes mais simiescos, como o *Homo habilis* e o *Homo rudolfensis*. Com seu cérebro quase humano (2/3 do tamanho do nosso), exterminou os concorrentes e se tornou o primeiro hominídeo a alcançar as terras da Ásia

Telegram @clubederevistas



HOMO FLORESIENSIS

18000 a.C. – 12000 a.C.

Encontrado em 2003 na Indonésia, esse hominídeo era tão baixo (tinha 1 metro de altura) que ganhou entre os cientistas o apelido de "hobbit", o ser mitológico da saga *O Senhor dos Anéis*. Havia a suspeita de que esses *erectus* em miniatura fossem *Homo sapiens* com nanismo Porém, anos depois, dois estudos reforçaram a tese de que eles constituíram uma espécie

HOMO NEANDERTHALENSIS

200000 a.C. – 28000 a.C.

Os "homens-ursos" eram fortes e resistentes. Suportavam temperaturas de até -30°C. Se não tivessem entrado em conflitos territoriais com os *Homo sapiens*, ainda poderiam estar vivos. Mas foram derrotados quando nossa espécie criou armas de grande eficiência, como lanças mais duráveis e fáceis de manusear

HOMO HEIDELBERGENSIS

600000 a.C. – 200000 a.C.

Descendente do *Homo erectus*, foi o primeiro humano a surgir com um cérebro maior que o dos ancestrais. Seu corpo manteve-se do mesmo tamanho, com cerca de 1,80 m, numa amostra de que a inteligência já valia mais que a força no processo de seleção natural. Deu origem ao *neandertal* e ao *sapiens*.

HOMO SAPIENS

190000 a.C. – até hoje

A história de nossa espécie se divide em duas partes A primeira marca o surgimento de um ser já com nossa aparência, há quase 200 mil anos. A segunda ocorre entre 80 e 50 mil anos atrás, quando nossos ancestra s dominaram o fogo Isso nos permitiu afastar os predadores, diversificar a alimentação e aprimorar o conhecimento.

Telegram @clubederevistas

SOCIEDADE LUNAR

Telegram @clubederevistas

NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO 18, OS MAIORES CIENTISTAS DA INGLATERRA SE JUNTARAM NA SOCIEDADE LUNAR, FAZENDO DESCOBERTAS QUE DERAM O PONTAPÉ INICIAL NA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL **POR REINALDO JOSÉ LOPES**

Todos os meses, nos domingos de lua cheia, um grupo de amigos costumava se reunir em Birmingham, na Inglaterra, para beber quantidades colossais de vinho e bater papo. Depois do jantar – que acontecia às 2h da tarde, como era comum no século 18 –, os colegas mandavam limpar a mesa e mostravam por que os animados encontros do grupo, conhecido como a Sociedade Lunar, entraram para a história. Entre uma piada e outra, eles manejavam microscópios e aparelhos elétricos, debatiam como construir uma carruagem movida a vapor ou erguer um balão pelos ares. E também pensavam em enriquecer e compensar financeiramente o esforço de suas pesquisas. Assim, ajudaram a criar a chamada Revolução Industrial e o mundo no qual todos nós vivemos hoje.

A lista dos "lunáticos" de Birmingham parece uma reunião dos "10 mais" da ciência no século 18. Temos o engenheiro James Watt, que aperfeiçoou as máquinas a vapor; Joseph Priestley, químico descobridor do oxigênio; o médico Erasmus Darwin, avô de Charles e, como o neto, autor de uma revolucionária teoria sobre a evolução dos seres vivos. O lado empresarial era representado por Matthew Boulton e Josiah Wedgwood, dois protótipos de industrial sempre prontos a usar os experimentos dos amigos para criar produtos inovadores. Havia ainda Richard Lovell Edgeworth e Thomas Day, jovens idealistas que queriam usar o avanço da ciência para melhorar a sociedade

Por um lado, a Sociedade Lunar tem uma cara contemporânea, afinal tinha um faro dos mais apurados para transformar seus achados em lucro, coisa que ainda é um problema para muito cientista por aí. Por outro, o grupo é fruto de uma época em que a ciência (aliás, filosofia natural, já que a palavra "cientista" ainda não existia) era quase uma arte, praticada por amadores talentosos que iam da zoologia para a mecânica sem a menor dificuldade.

Esse bando de cientistas-empreendedores só podia ter se formado mesmo na Inglaterra do século 18, um país que parecia estar voltado para o futuro. Fazia tempo, por exemplo, que o lugar tinha deixado de ser uma monarquia absoluta e caminhava para o parlamentarismo. Brigando com a França pelo controle da Índia e da América do Norte, os ingleses levavam a guerra e o comércio de Sua Majestade aos recantos mais obscuros do planeta. Teóricos como Adam Smith, o pai do liberalismo econômico, falavam em abrir fronteiras e diminuir tarifas como o melhor meio de garantir prosperidade para todos.

E este ambiente de grandes avanços e confiança no futuro também se refletia na ciência. O êxito de Isaac Newton e de sua teoria sobre a gravidade fez da filosofia natural um assunto popular. Todo cavalheiro que se prezasse devia mostrar um certo interesse em relação às novas descobertas. Faziam muito sucesso pequenos shows científicos, como dissecações públicas ou demonstrações dos poderes da eletricidade Nesse clima, as Midlands Ocidentais, região da Inglaterra onde ficava Birmingham e lar dos principais membros da Sociedade Lunar, começaram a prosperar como nunca

Darwin, Boulton e Wedgwood descendiam de pequenos proprietários de terra da área, plebeus, mas com algumas posses. Graças às novas necessidades do mercado interno e internacional, Birmingham estava virando um grande centro manufatureiro, produzindo principalmente artigos de metal e cerâmica para os ricos e para a classe média europeia. Foi para aproveitar essas oportunidades que Boulton tornou-se "fabricante de brinquedos" (na verdade, o termo se aplicava também à manufatura de uma série de pequenos objetos de metal, como botões e fivelas de cintos e calçados), enquanto Wedgwood ▶

Telegram @clubederevistas

COMO O NETO, ERASMUS DARWIN FOI AUTOR DE UMA TEORIA SOBRE A EVOLUÇÃO DOS SERES VIVOS

Erasmus Darwin, avô de Charles

seguiu a tradição da família e aprendeu a profissão de oleiro. Assim como a dupla, boa parte dos empreendedores das Midlands pertencia a seitas protestantes como os quakers, os batistas e os metodistas, que desafiavam a religião oficial da Inglaterra (o anglicanismo) e, por isso mesmo, eram impedidos de ocupar os principais cargos públicos. Conhecidos como não conformistas ou dissidentes, eles transformaram a discriminação em vantagem ao se tornarem grandes homens de negócios e se dedicarem aos problemas mais avançados da ciência e da filosofia, livres das restrições que o anglicanismo tradicional muitas vezes impunha.

Mais ao norte, as cidades escocesas passavam por um *boom* parecido com o de Birmingham graças ao comércio fluvial e marítimo, e foi graças a esse processo que as primeiras conexões entre os membros da Sociedade Lunar começaram a ser forjadas. O jovem Erasmus Darwin, filho de um advogado e dono de terras, tinha sido mandado para a Universidade de Cambridge em 1750, para se formar em medicina, mas logo descobriu que a instituição era um bocado antiquada. O melhor jeito de conseguir boa formação era ir a Edimburgo, capital da Escócia, cuja universidade era mais aberta às novas teorias – e aceitava alunos e professores não conformistas

VOVÔ DARWIN E A ORIGEM DAS ESPÉCIES

Erasmus Darwin pode não ter descoberto um mecanismo tão claro quanto a seleção natural, como seu neto Charles faria décadas mais tarde, mas o médico fez uma série de observações clarividentes sobre a evolução dos seres vivos. Inspirado por Carl von Linné, o botânico sueco que criou a nomenclatura usada ainda hoje para designar animais e plantas (como o nome duplo *Homo sapiens* atribuído ao homem), Erasmus se tornou um grande observador dos vegetais. Em seu livro *The Loves of Plants* ("*Os Amores das Plantas*"), ele reuniu seus achados numa mistura curiosa de versos shakespearianos e notas em prosa. Nessa obra e nas seguintes, como *The Temple of Nature* ("*O Templo da Natureza*"), Darwin destaca a importância do sexo para as formas e o comportamento dos seres vivos, um ponto que seria confirmado pelos futuros biólogos evolutivos. Seus escritos estão cheios de metáforas lubidinosas, em que até as plantas vivem encontros amorosos, adultérios e poligamia. E ele cogita que todos os animais descendem de um único ancestral, um "filamento vivo" – outro chute bem dado que os paleontólogos e geneticistas iriam provar mais tarde. Assim como seu descendente, Erasmus despertou a ira de alguns religiosos com suas ideias. Brincando com fogo, ele pegou o brasão da família Darwin (formado por três conchas) e adicionou a ele o lema em latim *E conchis omnia* ("tudo deriva das conchas"), como exemplo de seu conceito do ancestral comum. Thomas Seward, o bispo de Lichfield, ficou fulo da vida com a ideia e compôs um ou dois versos satíricos contra os Darwin. Erasmus acabou desistindo do gesto e retirou a frase do escudo da família.

Telegram @clubederevistas

Erasmus era uma figura: alto, com o rosto marcado por cicatrizes de varíola, falava pelos cotovelos (apesar de gaguejar freneticamente) e já demonstrava certa tendência à obesidade – na idade madura, as mesas onde ele sentava precisavam ter um buraco em semicírculo para acomodar sua avantajada barriga. Como muitos universitários, enchia a cara nas tavernas de Edimburgo. Mas também se mostrava um aluno brilhante, capaz de absorver modernas teorias sobre o funcionamento do organismo humano e de misturar a paixão pelos experimentos com talento para a poesia.

Depois de formado, Darwin se fixou na pequena e aristocrática cidade de Lichfield, a uns 20 quilômetros de Birmingham. Atendia pacientes por toda a região, sacolejando pelas péssimas estradas em carruagens que ele mesmo tentava aperfeiçoar. Graças a essas jornadas, tornou-se amigo de Boulton, ao cuidar de membros da família da mulher dele, os Robinson, e logo conheceu também Wedgwood. O trio trocava cartas sem parar, discutindo experimentos de todo tipo, principalmente envolvendo química, eletricidade e geração de energia.

Além do interesse científico, Boulton e Wedgwood eram pioneiros na organização de seus negócios. O primeiro resolveu concentrar todas as suas operações na Manufatura Soho, criando uma espécie de bisavó das linhas de montagem (antes, cada etapa do processo de fabricação era feita em uma oficina diferente). Já Wedgwood tinha faro de marqueteiro: seduziu a família real com seus vasos de cerâmica fina e conseguiu o direito de ostentar o título de "Oleiro da Rainha" – propaganda melhor, impossível. Para criar produtos melhores e mais ao gosto do público, os dois aproveitavam as descobertas da química e da geologia – foi graças a elas que a caríssima porcelana chinesa conseguiu ser reproduzida por fabricantes europeus.

Nada mais distante de uma ciência exata do que a química praticada pelos "lunáticos" e seus contemporâneos. "Para eles, o que mais importava não era o conhecimento teórico, mas o experimental", afirmou Ursula Klein, do Instituto Max Planck de História da Ciência, na Alemanha. "O equipamento deles não era muito diferente do usado pelos boticários e ourives ou nas destilarias da época." Para se ter uma ideia, conta-se que o alemão Andreas Sigismund Marggraf conseguiu purificar pela primeira vez o ácido fórmico destilando 24 onças (cerca de 680 gramas) de formigas até verificar a formação de cristais.

Foram esses experimentos que ajudaram a fortalecer as conexões do grupo das Midlands com colegas mais ao norte, como James Watt, um especialista em instrumentos de precisão e químico entusiasta, e Joseph Priestley. O segundo era ao mesmo tempo um mestre do laboratório e um visionário político e religioso. Pastor não conformista, Priestley dizia que Jesus havia sido apenas um homem de grandes qualidades morais, e defendia que as descobertas da ciência deviam ser acessíveis a todos, para que a so- ▶

DUPLA APROVEITAVA AS DESCOBERTAS DOS AMIGOS PARA CRIAR PRODUTOS INOVADORES

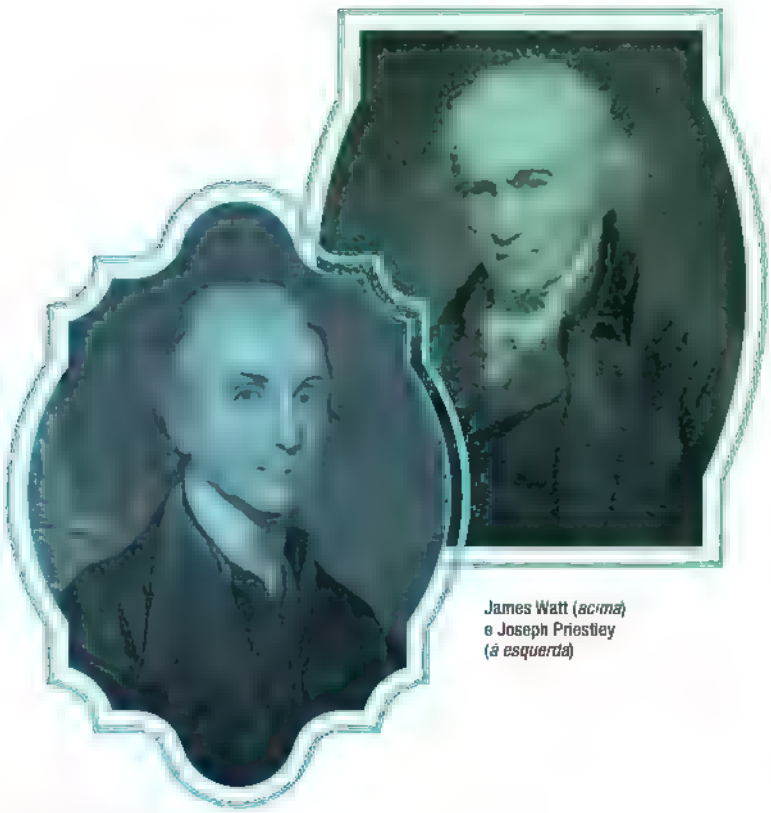
Matthew Boulton (*acima*) e Josiah Wedgwood (*à direita*)

Telegram @clubederevistas

ciedade pudesse progredir e as autoridades injustas fossem substituídas por um governo do povo.

Nos anos 1770, Priestley estava às voltas com os gases que escapavam das rochas e minerais, uma das grandes novidades da época. As rochas calcárias, por exemplo, liberavam dióxido de carbono (CO_2), e o pastor criou a primeira água mineral com gás da história ao misturar a substância ao líquido. Mas a sua descoberta mais importante veio quando ele aqueceu óxido de mercúrio com a ajuda de uma lupa que concentrava os raios do Sol e conseguiu capturar o gás liberado. Nas suas palavras: "Peguei um camundongo e o coloquei num recipiente de vidro, contendo duas onças do ar das calcinações de mercúrio. Se fosse ar comum, ele teria vivido um quarto de hora. Neste ar, contudo, viveu meia hora". Priestley tinha descoberto o oxigênio. A publicação de seus resultados fez com que ficasse conhecido pelos membros da Sociedade Lunar. Ele se juntou ao grupo quando se mudou para os arredores de Birmingham em 1780.

CONHECIMENTO EXPERIMENTAL DE COLEGAS DE OUTRAS REGIÕES CHAMOU A ATENÇÃO DO GRUPO



James Watt (*acima*) e Joseph Priestley (*à esquerda*)

Nesse meio-tempo, Watt já se tornara um membro ao virar sócio de Boulton. Fazia uma década que o engenheiro escocês, sujeito talentoso, mas pessimista e hipocondríaco, tentava aperfeiçoar as máquinas a vapor rudimentares da época. Por ora, suas tentativas tinham esbarrado em uma série de problemas técnicos e, para piorar, seu principal financiador, John Roebuck, foi à falência em 1774. No entanto, Watt já tinha o mais importante: uma patente que lhe garantia o pagamento de royalties por qualquer motor que utilizasse os princípios que inventara. Boulton, que já o conhecia, percebeu o potencial daquilo e o convenceu a se mudar para Birmingham.

Demorou um pouco, mas a parceria fez sucesso. O aparelho aperfeiçoado por Watt consumia menos carvão e era quatro vezes mais potente que o modelo mais comum da época. Como as locomotivas ainda iam levar quase meio século para ser inventadas, a principal utilidade do engenho era drenar água das minas de carvão e cobre, que frequentemente eram inundadas e ficavam inacessíveis. Watt e Boulton fizeram fortuna vendendo suas engenhocas para a indústria mineira. Sempre marqueteiro, Boulton declarou certa vez a um visitante de sua manufatura: "Eu vendo aqui, meu senhor, o que o mundo inteiro deseja conseguir: poder"

Tudo parecia caminhar às mil maravilhas. As reuniões, que já aconteciam havia alguns anos, foram semioficializadas a partir de 1775, embora fosse raro que todos os membros participassem. "Nos encontros, eles funcionavam como um pequeno grupo de pesquisa de alto nível", disse Jenny Uglow, autora de *The Lunar Men* ("*Os Lunáticos*"), uma biografia coletiva da Sociedade Lunar. Além de Priestley, o grupo tinha outros dois teóricos políticos e sociais, Richard Edgeworth e Thomas Day. A dupla se inspirava nas ideias do filósofo francês Jean-Jacques Rousseau, para quem os seres humanos eram naturalmente bons – a sociedade é que os corrompia. Day chegou a colocar esse ideal em prática escreven-

Telegram @clubederevistas

do o primeiro livro infantil da Inglaterra e tentando transformar uma órfã na "esposa ideal" aplicando a educação à la Rousseau (*quadro abaixo*). Daí a apoiar ideias democráticas consideradas radicais era um pulo. Por isso, muitos dos membros festejaram a Revolução Francesa, em 1789, que primeiro restringiu os poderes do rei Luís XVI e depois acabou decapitando o soberano. É claro que o governo inglês não via com bons olhos esse radicalismo, em especial o de Priestley, um dos maiores defensores do governo francês. Por baixo dos panos, as autoridades de Birmingham – em especial o clero anglicano – estimularam ataques de arruaceiros contra a casa do pastor "subversivo" e de outros membros da sociedade, como William Withering, em 1791.

Priestley teve de fugir da cidade e acabou emigrando para os Estados Unidos, independentes desde 1776. Depois de sua partida, os encontros nunca mais foram os mesmos, com os membros cada vez mais preocupados com a situação política (e tentando salvar os próprios pescoços). Na virada do século, as reuniões já quase não aconteciam, e a nova geração olhava com desconfiança para os experimentos malucos e ideias radicais dos "lunáticos". Não que isso importasse muito: nas fábricas, máquinas e objetos do século 19, era clara a marca deixada pela Sociedade Lunar. AH

Richard Edgeworth (*acima*) e Thomas Day (*à esquerda*)

JOVENS IDEALISTAS QUERIAM USAR O AVANÇO DA CIÊNCIA PARA MELHORAR A SOCIEDADE

RECEITA DE "ESPOSA IDEAL"

O prêmio de radicalismo filosófico certamente é de um dos mais jovens membros da Sociedade Lunar, Thomas Day. Inspirado pelas ideias de Rousseau e decidido a criar para si mesmo a "esposa ideal" – "com gosto pela literatura e pela ciência e, ao mesmo tempo, simples como uma montanhesa e destemida e intrépida como as mulheres espartanas" –, Day adotou duas garotas (11 e 12 anos), e passou a criá-las. A que se saísse melhor nos quesitos acima viraria sua companheira. Desnecessário dizer que a ideia foi um fracasso. Decidido a começar do zero na sua tarefa educativa, Day as rebatizou de Lucretia e de Sabrina e as levou para uma viagem filosófica pela França. Mas, além de doentes, elas ficaram brigando pela atenção do jovem. Na volta à Inglaterra, Lucretia recebeu um dote e se casou com um tecelão, enquanto Sabrina seguia não passando nos testes "espartanos" do filósofo. Um deles incluía não gritar quando ele derrubava cera quente nas mãos dela. Em outro, Day fingiu confessar a ela que sua vida estava em grave perigo e que ela não podia contar o fato a ninguém (no dia seguinte, todos os amigos e criados do filósofo já estavam sabendo). No fim, Sabrina acabou se casando com John Bicknell, amigo de Day. Essa não foi a última das excentricidades amorosas do jovem. Ao apaixonar-se pela refinada Elizabeth Sneyd, que não queria nem ouvir falar das pataquadas espartanas dele, o filósofo decidiu passar um ano na França aprendendo a última moda da época sobre dança, cortesia e roupas. Não adiantou: Elizabeth não quis se casar com ele. Mais tarde, Day finalmente achou uma companheira, Esther Milnes, que topou seguir seus ideais linha-dura

Telegram @clubederevistas

VIETNÃ

A GUERRA QUE MUDOU OS EUA

Telegram @clubederevistas

Do telhado da embaixada dos Estados Unidos em Saigon, capital do Vietnã do Sul, o sargento Terry Bennington pegou o rádio e ordenou ao seu pessoal baixar a bandeira e encontrá-lo para esperarem o helicóptero. Aqueles eram os últimos onze militares norte-americanos no Vietnã. Uma hora se passou, duas horas... e nada. Até que começaram a ver norte-vietnamitas subindo a rua. Eles sabiam que, se fossem alcançados, não sairiam vivos dali – mas também não se renderiam, e lutariam até tombar. "Quando estávamos nos preparando para abrir fogo, vimos um ponto bem longe e, conforme foi se aproximando, vimos que era um helicóptero. De repente percebemos que tínhamos uma chance de sair dali. Ficamos lá por tanto tempo, que fiz muitas promessas a Deus. E ele me atendeu", conta Terry, sobre os momentos finais da participação norte-americana na Guerra do Vietnã, ocorrida entre 1955 e 1975.

O depoimento do militar faz parte da série documental *Vietnã: A Guerra Que Mudou os EUA*, recém-lançada mundialmente pelo Apple TV+, onde ficará disponível de forma permanente, para marcar os 50 anos do fim do conflito. Em seis episódios, com direção de Rob Coldstream e a participação especial e roteiro do veterano desta guerra, Bill Broyes, a obra explora o efeito que um dos acontecimentos mais controversos da história dos EUA teve sobre o povo do país. A ideia, segundo eles, é mostrar a transformação do entusiasmo confiante em relação à guerra até, uma década depois, o país se modificar profundamente e para sempre.

Já no Vietnã, que se encontrava em conflagração pelo menos desde 1940, quando o Japão invadiu a então colônia francesa da Indochina, a queda de Saigon marcou o recomeço de um país, agora, unificado – para os vietnamitas, aliás, este conflito é conhecido como "A Guerra de Resistência contra a América". Ou seja, contra um dos grandes vencedores da Segunda Guerra, colocando um fim na sensação de invencibilidade que os EUA adquiriram em 1945. Ainda que tenham vivido outros embates nas últimas décadas, nenhum se equivale às con- ▶

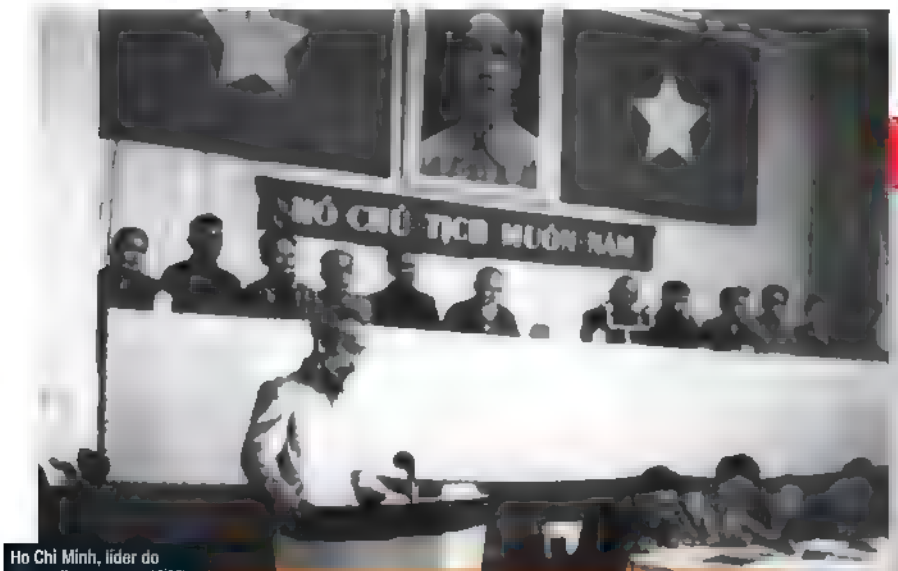
Telegram @clubederevistas

sequências dos dez anos de presença maciça norte-americana nas selvas do sudeste asiático. Isso porque, à medida que as batalhas eram transmitidas na televisão dia após dia, protestos generalizados pelas ruas dos EUA surgiam contra o conflito, levando a uma mudança fundamental na identidade nacional do país e também a dilemas sobre o que foi a Guerra do Vietnã. Em uma palavra, de acordo com o historiador militar britânico *sir* Max Hastings, ela foi uma tragédia. Para compreender essa história e seus desdobramentos, partimos de tempos longínquos, de quando o Vietnã ainda era parte da Indochina, uma colônia francesa

A LUTA PELA INDEPENDÊNCIA

Os primeiros contatos entre vietnamitas e franceses começaram ainda no século 17, por meio de missões jesuíticas no Vietnã lideradas pelo padre francês Alexandre de Rhodes, SJ. Durante boa parte do século seguinte, a relação entre os dois povos foi majoritariamente econômica, focada em trocas comerciais – concomitante, continuava a ação dos missionários católicos. O cenário começou a mudar em 1787, quando o bispo Pierre Pigneau de Behaine, pediu que o governo francês organizasse uma expedição militar para ajudar o herdeiro ao trono do Vietnã, Gia Long (nascido Nguyễn Ánh), a retomar suas terras e unificar o país. As tropas francesas atenderam ao pedido e lutaram pelo imperador até 1802. A partir daí, a presença da França no país asiático seria cada vez maior, transformando o Vietnã em parte de sua colônia na região.

"No século 19, a França conquistou o Vietnã, o Camboja e o Laos e criou a colônia da Indochina Francesa, dividindo o Vietnã em três partes: Tonkin, Annam e Cochinchina. Reprimindo revoltas nacionalistas, conseguiram manter o domínio colonial no país até a Segunda Guerra, quando a Indochina foi ocupada pelos japoneses", descrevem os autores de *A Guerra do Vietnã: A História Ilustrada Definitiva*. Na luta por sua independência da França, que se esforçou para retomar o controle de sua colônia, e do Japão, o movimento revolucionário Viet Minh, fundado em 1941 por Ho Chi Minh, líder do norte, entrou em conflito contra os franceses e, ao derrotá-los, deu fim à Primeira Guerra da Indochina. Em 1954, na Conferência



Ho Chi Minh, líder do norte, discursa em 1953 para o movimento Viet Minh, fundado por ele em 1941 para libertar o Vietnã dos japoneses e ganhar independência da França

Na Guerra da Indochina, franceses hasteiam bandeira no Vietnã para tentar retomar o controle da colônia, ocupada pelos japoneses na Segunda Guerra

Telegram @clubederevistas

de Genebra, na Suíça, o Vietnã se tornou independente, porém, na forma de dois Estados: o Vietnã do Norte, sob domínio comunista, e o Vietnã do Sul, sob a égide capitalista.

Com os franceses se retirando, os norte-americanos começaram a tomar seu lugar, enviando as primeiras unidades do Grupo Consultivo de Assistência Militar, conhecido como consultores militares, para o Vietnã do Sul em 1º de novembro de 1955 – data que marca o "início formal" da "guerra americana" em terras vietnamitas.

O LEGADO DA SEGUNDA GUERRA

No filme *Apocalypse Now Redux*, a versão estendida do diretor Francis Ford Coppola, há um momento em que o personagem de Martin Sheen, o capitão Willard, conversa com colonos franceses que permaneceram em sua plantação após o fim da Guerra da Indochina. Ao ser indagado pelo oficial norte-americano sobre quando deixariam o país, um deles replica, dizendo que "nunca sairiam". Na sequência, o chefe da família emenda: "Foram os EUA que criaram o Viet Minh em 1945. Agora vocês tomaram o lugar dos franceses. O que podem fazer? Nada, absolutamente nada".

A cena faz referência ao fato de os norte-americanos armarem os militantes vietnamitas na fase final da Segunda Guerra. Apesar de inicialmente simpáticos à causa do Vietnã do Norte, com a derrota do Japão, os EUA perceberam o que haviam feito. E depois, com a retirada dos franceses em 1954, a administração do então presidente dos EUA, Dwight Eisenhower, decidiu que era hora de "intervir" no Vietnã do Sul. Naquele ano, com a Guerra da Coreia recém-paralisada e a Guerra Fria a todo vapor, imperava na Casa Branca a Teoria do Dominó, que pautaria boa parte da ação externa dos EUA até 1990. Ela pregava que, "se um país, ou região, caísse para o comunismo, os países com os quais esse fi- ▶

COM A DERROTA DO JAPÃO E A RETIRADA DOS FRANCESES, OS EUA DECIDIRAM QUE ERA HORA DE INTERVIR NO VIETNÃ DO SUL

Bateria antiaérea vietnamita durante batalha contra a França, que se retirou do país em 1954

Com a vitória na Guerra da Indochina, os Viet Minh capturam soldados franceses

Telegram @clubederevistas

zesse fronteira cairiam em seguida". Portanto, com a China sob o comando de Mao Tsé-Tung desde 1949, os EUA concluíram que, se todo o Vietnã se tornasse comunista, o mesmo aconteceria no resto do sudeste asiático. E, assim, em 1955, começou a saga dos americanos no Vietnã.

Na primeira década – sob o governo de Eisenhower e de John F. Kennedy –, os EUA limitaram sua presença no Vietnã do Sul aos chamados "consultores militares". Contudo, com a posse de Lyndon B. Johnson, após o assassinato de JFK, em 1963, as centenas que estavam no país rapidamente se tornaram milhares.

Em 1964, depois do incidente do Golfo de Tonkin, quando – em condições até hoje nunca completamente esclarecidas – navios de guerra da Marinha dos EUA foram supostamente atacados por barcos do Vietnã do Norte, o Congresso norte-americano passou uma resolução

PARA OS EUA, SE TODO O VIETNÃ SE TORNASSE COMUNISTA COMO A CHINA, O MESMO ACONTECERIA NO RESTO DO SUDESTE ASIÁTICO

que autorizava o governo a "tomar todas as medidas necessárias para repelir qualquer ataque armado contra as forças dos EUA e evitar novas agressões". Em outras palavras: o governo dos EUA autorizou uma guerra sem a necessidade de uma declaração formal.

Além de intensificar os bombardeios contra as forças do Norte, o congresso aumentou ainda mais o efetivo de pessoal militar. Em março de 1965, o total de forças dos EUA no Vietnã do Sul era de 23 mil; em julho, 75 mil, e no fim do ano, após a batalha de La Drang – o primeiro confronto direto entre militares norte-americanos e norte-vietnamitas – chegou a 184 mil.

Apesar da vitória tática, La Drang se provaria uma armadilha para os EUA. O general William Westmoreland, comandante das forças norte-americanas no Vietnã até 1968, acreditava que aquilo era a prova de que a superioridade militar do país, em poder de fogo e mobilidade, infligiria mais baixas ao inimigo do que poderia suportar. Porém, a concepção do general era baseada em uma visão enviesada. Além de subestimar seu adversário, ele não considerou que, para Ho Chi Minh, o embate provou que eles ganhariam dos EUA assim como ganharam da França. Isso porque o líder em Hanoi, na capital do Norte, não se concentrou no número de baixas, mas em um plano maior. Apesar da morte de 2 mil homens contra 237 dos EUA, os norte-vietnamitas sabiam que uma guerra prolongada iria exaurir o inimigo, como de fato aconteceu. Além de minar o moral dos soldados, o número de mortos se provaria vital para virar a opinião pública norte-americana contra o conflito. O Vietnã aguentaria suas baixas, a América não.

Mas o pensamento de Westmoreland não era isolado, era a forma generalizada de pensar nos EUA daquele tempo. Segundo Bill Broyles, que combateu o Vietnã de 1969 a 1971, as pessoas do início da guerra pensavam completamente diferente daquelas que chegavam depois. "Os primeiros tinham a mentalidade da Segunda Guerra Mundial", resume. E isso só começaria a mudar com a chegada de 1968.

ANO NOVO SEM PAZ

Embora outros grandes embates tenham ocorrido em 1966 e 1967, as forças do Vietnã do Norte evitavam o atrito com os norte-americanos, pois sabiam que estariam em desvantagem. Então, ao invés de baterem de frente contra eles, preferiam usar técnicas de guerrilha – as mesmas utilizadas de forma eficaz contra os japoneses e os franceses. Numa delas, os guerrilheiros comunistas atacavam as retaguardas das tropas em patrulha pelas densas selvas e depois desapareciam na vegetação. Além de os militares norte-americanos terem se deparado com um novo tipo de estratégia, para a qual não haviam sido treinados, começaram a ter seu moral seriamente danificado pela guerra psicológica do inimigo, que ficou conhecido pelos soldados dos EUA como vietcongue, depois de VC e, mais tarde, de Char-

Telegram @clubederevistas

lie, uma forma "carinhosa" oriunda do código fonético militar: VC viraria "Victor Charlie"

Com ataques por todo o território do Vietnã do Sul, não demorou muito para os generais norte-americanos perceberem que uma tremenda logística estava por trás daquilo: a Trilha Ho Chi Minh que, na verdade, eram várias que interligavam o Norte ao Sul, permitindo que armas e equipamentos vindos da China e da União Soviética chegassem aos Charlie.

Muitas vezes avançando nos países vizinhos Laos e Camboja – o que fez com que os EUA lutassem uma guerra secreta nesses territórios –, a trilha se estendia por quase 20 mil quilômetros, com cidades inteiras escavadas sob a terra para proteger os combatentes dos bombardeios maciços lançados pelos aviões dos EUA. Essa é a origem dos famosos túneis do Vietnã, que hoje são atração turística

No Ano Novo de 1968, a guerra se encontrava num impasse. Apesar do pouco progresso, graças à superioridade material, os norte-americanos haviam conseguido conter as forças do Vietnã do Norte – mas sem atingir os objetivos do general de ganhar a guerra até o final do ano anterior. No entanto, a situação não continuaria assim por muito tempo, pois os norte-vietnamitas tinham outros planos

O primeiro dia do ano no calendário lunar tradicional do Vietnã, conhecido como *Tết Nguyên Đán*, ou simplesmente *Tet*, é 30 de janeiro, uma data que era para ser tranquila naquele 1968, pois o Vietnã do Norte e o do Sul transmitiram via rádio que haveria um cessar-fogo de 48 horas. O anúncio, porém, fazia parte de uma operação de dissimulação estratégica: o general Vo Nguyen Giap, cérebro militar norte-vietnamita, vinha preparando uma grande investida no território do Sul.

Chamada de Ofensiva do Tet, ela atingiu mais de cem localidades, desde a capital Saigon, passando por importantes centros urbanos, como a cidade portuária de Da Nang, até a antiga cidade imperial de Hue. "Charlie estava em todo lugar", descreveu um marine que lutou contra os vietcongues em Saigon. Estima-se que, no prelúdio da batalha, em torno de ▶

Presidente dos EUA Lyndon Johnson cumprimenta seus soldados rumo ao Vietnã, em 1965

Imagem das Forças Aéreas destaca uma série de caminhões atacados pelos guerrilheiros do Vietnã do Norte na estratégica trilha Ho Chi Minh. "DMGD" significa danificado e "DEST" destruído

Soldados do Vietnã saem de um dos profundos túneis escavados na trilha para proteger os combatentes dos bombardeios dos EUA e surpreender o inimigo. Hoje, os túneis são grande atração turística

Telegram @clubederevistas

Tanque de guerra é usado como ambulância improvisada para acolher soldados norte-vietnamitas feridos após uma das batalhas ocorridas no início de 1968, o ano mais sangrento de todo o conflito no país

AS IMAGENS DA MÍDIA FORAM FUNDAMENTAIS PARA CONVENCER O POVO DE QUE TUDO NÃO IA TÃO BEM COMO DIZIA A CASA BRANCA

4 mil vietcongues haviam se infiltrado em meio à população, causando o caos enquanto forças adicionais com mais de 30 mil homens fariam o assalto principal.

Pegos desprevenidos, os militares dos EUA e do Vietnã do Sul se viram lutando batalhas por sítios estratégicos considerados "intocáveis", como a embaixada dos Estados Unidos e o aeroporto de Saigon. As imagens feitas pela mídia, presente em vários locais enquanto as tropas lutavam, foram fundamentais para convencer as pessoas nos EUA de que tudo não estava indo tão bem assim, como a Casa Branca e o Pentágono divulgavam.

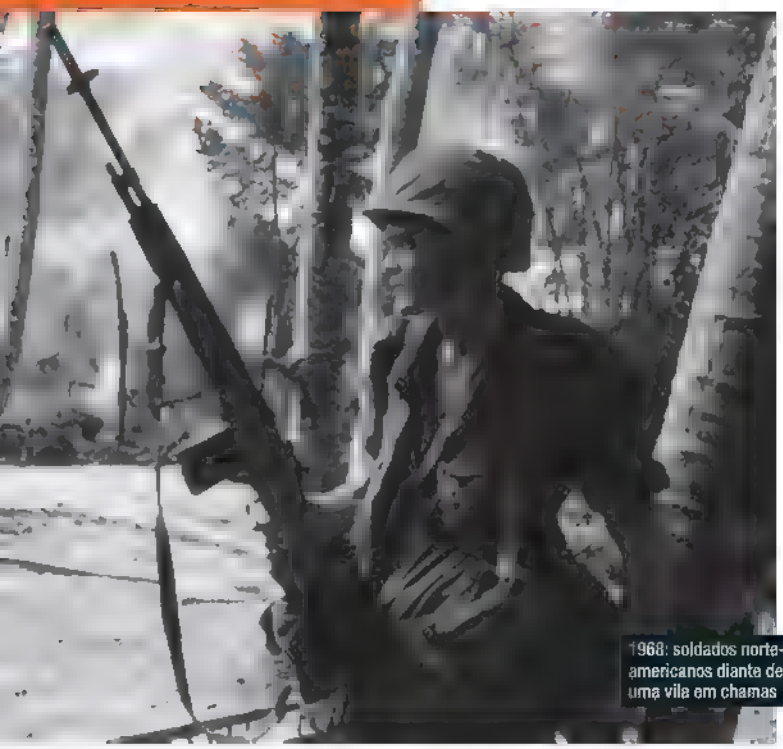
A Ofensiva do Tet foi o ponto de virada da guerra. Mesmo que tenha sido uma derrota militar para o Vietnã do Norte, afetando a capacidade de combate dos vietcongues, "a derrota maior foi para o outro lado", afirmou Dang Xuan Teo, um VC infiltrado em Saigon que, hoje, é coronel reformado do Exército do Vietnã. De acordo com dados do Arquivo Nacional dos Estados Unidos, 1968 foi o ano mais sangrento do conflito: dos 58.220 estadunidenses que morreram no Vietnã, 16 899 foram só naquele ano. Com imagens transmitidas diariamente, e com ainda mais jovens voltando sem vida para casa, a sociedade norte-americana começou a questionar.

POR QUE LUTAMOS?

Com o movimento dos direitos civis crescendo em uma sociedade consternada que não parava de receber más notícias da Ásia, o democrata Lyndon Johnson decidiu não concorrer à reeleição de 1972. Os Republicanos, então, viram a oportunidade de voltar à Casa Branca. E, prometendo "trazer nossos rapazes de volta para casa" e acabar com a guerra, Richard Nixon foi eleito presidente dos EUA. O conflito entrava na segunda fase, mas, apesar das promessas, ainda estava longe de acabar.

Em resposta ao Tet, os militares pediram tropas adicionais. E conseguiram. Em março

Telegram @clubederevistas



1968: soldados norte-americanos diante de uma vila em chamas

de 1968, o total de forças dos EUA no Vietnã do Sul era de 510 mil. Já no ano seguinte, quando Nixon chegou à presidência, o número já havia passado de 540 mil, o pico do efetivo norte-americano no país.

Assim que assumiu, o novo presidente recebeu informações extraoficiais de que "o Vietnã era uma guerra impossível de ser vencida". Juntando isso à opinião pública contrária ao conflito e também à dura realidade de cerca de 300 caixões voltando para os EUA semanalmente, Nixon pediu aos assessores uma estratégia para "sair dali o mais rápido possível". O problema era como fazer isso.

No Vietnã, a raiva dos soldados e, sobretudo, o despreparo deles para lutar em condições que jamais imaginaram, deram origem a alguns dos momentos mais trágicos do conflito, como o massacre de Mỹ Lai – onde forças dos EUA estupraram e mataram mais de 500 civis, incluindo mulheres e crianças, acusados de serem VCs ou simpatizantes. Eventos como esse, que recebiam grande cobertura da mídia americana, fizeram com que os soldados que retornavam ao país fossem recebidos com hostilidade pelo público. Eram comuns, nas ▶

REALIDADE OCULTA

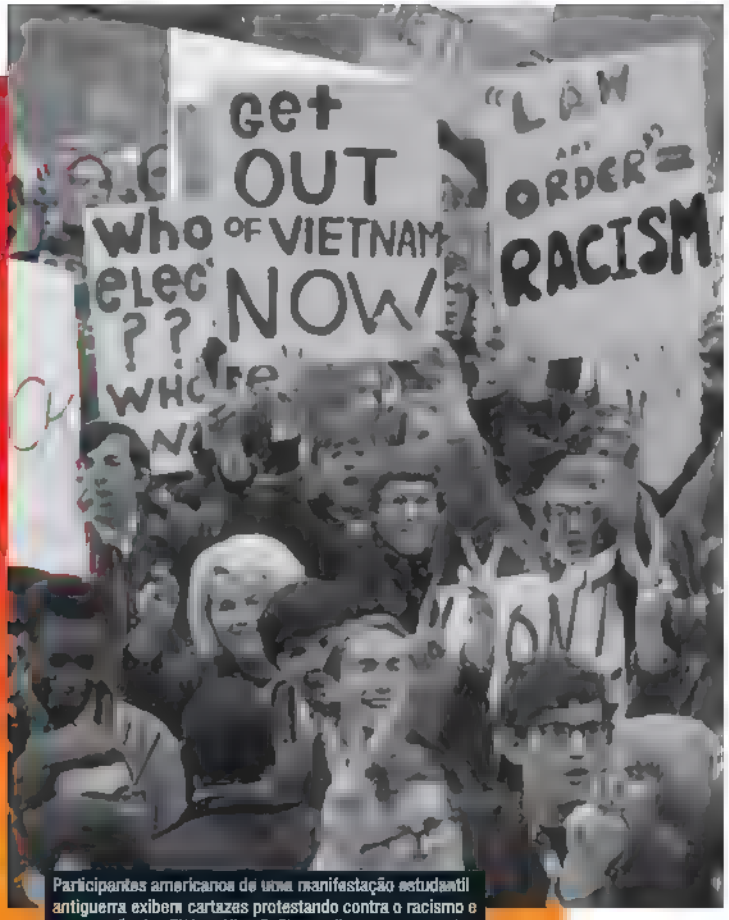
As imagens e os sons capturados pelos jornalistas que tiveram acesso às tropas em batalha, mais do que em qualquer outro conflito, tornaram a Guerra do Vietnã uma das mais famosas e impactantes da História recente. Foram justamente estes registros que permitiram a cuidadosa produção da série documental *Vietnã: A Guerra Que Mudou os EUA*, disponível no Apple TV+.

Foram essas imagens também, chegando às casas de milhões de norte-americanos, que possibilitaram pessoas comuns construírem opinião própria, crítica e diferente da visão oficial do governo e dos militares sobre o conflito.

Vale ressaltar que a Guerra do Vietnã ocorreu em período extremamente rico da história da música, que vivia o auge do *rock'n roll* e do movimento *hippie* dos EUA, com canções que serviam para entreter os soldados, além de serem usadas como trilha sonora do campo de batalha. Com o tempo, artistas começaram a expressar a realidade oculta da guerra, como é o caso da banda Creedence, com a música *Fortunate Son* (1969), cuja letra reflete sobre os jovens "afortunados" que, pela sorte das conexões políticas, conseguiam escapar da guerra, enquanto os "desafortunados" eram obrigados a lutar. Mesmo as canções que não tinham o Vietnã como pano de fundo acabaram refletindo a realidade dos combates. É o caso de *The End* (1967), do The Doors, que abre o filme *Apocalypse Now* (1979).

O cinema, aliás, também contempla grande presença do Vietnã em tempos de guerra, com filmes como: *Apocalypse Now* (já citado); *Platoon* (1986) e *Nascido em Quatro de Julho* (1989), clássicos antiguerra dirigidos por Oliver Stone, veterano do Vietnã; *Rambo* (1982) e *Braddock – O Super Comando* (1984), expoentes da "era dos galãs bombados"; e *Destacamento Blood* (2020), do diretor Spike Lee, que foca nos afro-americanos.

Telegram @clubederevistas



Participantes americanos de uma manifestação estudantil antiguerra exibem cartazes protestando contra o racismo e a ocupação dos EUA no Vietnã. Eles pediam paz para todos

Homens da 173ª Brigada Aerotransportada dos EUA seguem em patrulha pelas selvas das províncias do Vietnã depois de receber um novo suprimento de munição e de água trazidos de helicóptero

manifestações antiguerra, cartazes como "assassinos de bebês" e "você não me representa". Um contraste com a recepção calorosa aos que voltaram da Segunda Guerra Mundial.

A geração militar filha dos "libertadores de 1945" sofreu para se adaptar à nova realidade. No Vietnã, só queriam voltar e, quando voltavam, não eram bem-vindos. Esse drama psicológico levou a dias de fúria, chegando a ter veteranos inflados de estresse pós-traumático abrindo fogo contra civis em espaços públicos. Agora imagine esta sociedade complexa ainda ser afetada por dois outros elementos: o racismo e as drogas.

O PRECONCEITO COMO SOLUÇÃO

Testemunhos em primeira pessoa revelados na série do Apple TV+, como o do fuzileiro naval Malik Edwards, ilustram o drama da desigualdade racial do período. Conforme o conflito ia avançando para a segunda fase, as antigas famílias tradicionais brancas – onde lutar pelo país era questão de honra – começaram a não mandar mais seus filhos para o Vietnã. Nos lugares, iam jovens brancos pobres, operários, latinos e, sobretudo, negros. Ou seja, enquanto na Segunda Guerra as unidades eram segregadas, no Vietnã imperava as piores tarefas, como ser o "esclarecedor" – o primeiro militar em uma patrulha. "Estas eram quase sempre atribuídas aos jovens negros", diz Malik.

Em contrapartida, esta parcela da população, que nunca havia se perguntado a razão daquela guerra ou de estarem ali, começaram – em parte influenciada pela propaganda norte-vietnamita – a questionar as autoridades, a conhecer seus direitos e a brigar por eles. O próprio Malik, quando deixou o Vietnã, entrou para o movimento Panteras Negras.

O outro problema eram as drogas. Situado no Triângulo Dourado da Ásia, uma das principais áreas produtoras de ópio e metanfetamina do continente, o Vietnã possibilitava aos militares cansados dos combates "drogas de pureza quase absoluta". Segundo informações do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, em 1971, pouco mais da metade das Forças Armadas já haviam fumado maconha, 31%

Telegram @clubederevistas

usado psicodélicos como LSD, mescalina e cogumelos, e 28% cocaína e heroína.

Com a tropa desmotivada, constantemente sob efeito de narcóticos, e preocupada apenas em sobreviver e voltar para casa, um fenômeno surgiu: *fragging*. Traduzido como "fragmentação", o termo se refere à prática de um soldado matar ou tentar matar outro soldado, geralmente um superior. "Os jovens (os mais velhos tinham 19 anos) não estavam interessados em morrer por Kissinger, Nixon ou por algum major. Se os fuzileiros estivessem em perigo, eles fariam algo. E se era ordem, queriam saber o que eu faria a respeito", conta o tenente comandante de pelotão no Vietnã Bill Broyles, lembrando quando foi ameaçado com *fragging*, em caso de colocar seus homens em perigo, e tendo de reconquistar o respeito deles.

Em parte, a promessa de tirar as tropas do Vietnã foi a responsável pelo cenário. A Ofensiva do Tet deixou clara que a guerra não podia ser vencida e, diante da garantia de que os EUA logo sairiam do país, um vácuo ocupou a mente dos soldados: se eles iriam embora, por que morrer por uma causa perdida? Enquanto isso, em Washington, nos EUA, o governo chegava a duas "soluções" para o conflito. Complementares, pautariam o restante da ação norte-americana no Vietnã: "escalar para depois desescalar" e a "vietnamização" da guerra.

ESTRATÉGIAS PARA SAIR

Com a expressão "escalar para depois desescalar", a administração Nixon orientava usar a estratégia conhecida como "tapete de bombas" ou "bombardeamento de saturação" por toda a antiga Indochina e não apenas no Vietnã do Norte, baseada nas ideias de Henry Kissinger, então secretário de Segurança Nacional, ela previa afetar o poder militar dos norte-vietnamitas até serem forçados à mesa de negociação.

Apesar de envolver os vizinhos da região, de ter custado a vida de aviadores norte-americanos e de outros milhares terem sido feitos prisioneiros, a manobra de Kissinger deu certo. Conversações secretas foram abertas com o Vietnã do Norte já em 1970, avançando ao longo dos anos seguintes até culminar nos Acordos de Paz de Paris, em 1973.

Concomitantemente, Kissinger também negociava uma "vitória" para que os EUA não saíssem completamente derrotados do sudeste asiático. Se, no passado, a América interveio no Vietnã – naquilo que muitos viam como uma guerra civil entre Norte e Sul – para impedir o avanço do comunismo chinês na região, o diplomata iria diretamente à fonte: negociar um encontro presencial entre Nixon e Mao Tsé-Tung. Está aí a origem da famosa visita de Nixon à China em 1972 e da aproximação sino-americana que, mais tarde, possibilitaria à China se tornar uma potência global – hoje competindo de igual para igual com os EUA.

A outra estratégia na esfera militar e a segunda "solução" proposta pela administração Nixon era a "vietnamização" do conflito, ou seja, transferir capacidade de liderança e de combate para os militares do Vietnã do Sul, que deveriam assumir o papel dos EUA no campo de batalha, permitindo que os soldados norte-americanos pudessem voltar para casa.

FAMÍLIAS TRADICIONAIS DOS EUA PASSARAM A NÃO MANDAR MAIS OS FILHOS À GUERRA. NO LUGAR, IAM POBRES, LATINOS E NEGROS

Apesar de terem continuado com os bombardeios em massa durante as negociações em Paris – incluindo o "Bombardeio de Natal" de 1972, que durou onze dias e despejou mais de 20 mil toneladas de bombas no Vietnã do Norte –, a "vietnamização" do conflito estava dando bons resultados. Não apenas os soldados sendo repatriados, como também os norte-vietnamitas concordando com os termos propostos pelos norte-americanos.

A principal garantia que os EUA queriam é que o Vietnã do Norte iria respeitar o Vietnã do Sul depois que suas tropas deixassem o país. ▶

Telegram @clubederevistas

Além disso, a pedido do presidente do Sul, Nguyễn Văn Thiệu – em uma das raras sugestões que pôde dar sua opinião nas negociações –, os EUA exigiriam que o Norte retirasse os militares do Sul. Mesmo que inicialmente estivesse inclinado a não aceitar, Lê Đức Thọ, o negociador sênior norte-vietnamita, concordou com isso (provavelmente estimulado pelos efeitos do "Bombardeio de Natal").

Em 12 de janeiro de 1973, finalmente foi anunciado que EUA e Vietnã do Norte haviam chegado a um tratado de paz. Em 60 dias, os EUA retirariam o restante de suas forças do país e o Vietnã do Norte liberaria os cativos de guerra, compostos em sua maioria pelos pilotos abatidos. Mas não foi o que aconteceu. Nem Norte nem Sul estavam dispostos a parar de lutar e encerrar a guerra, desobedecendo ao cessar-fogo acordado em Paris

COM A RENÚNCIA DE NIXON, AS TROPAS COMUNISTAS DO NORTE APROVEITARAM PARA ATACAR O VIETNÃ DO SUL E TOMAR SAIGON

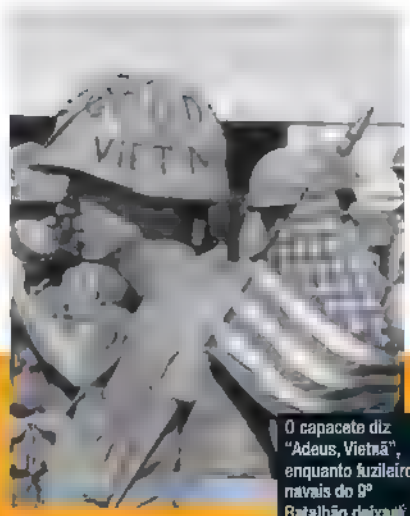
A QUEDA DE SAIGON

Foi somente com a renúncia de Nixon da presidência, como desdobramento do escândalo político Watergate, que o Politburo (o comitê executivo dos partidos comunistas) em Hanoi se deu conta de que tinham uma chance real de acabar com a guerra. Mesmo que os sul-vietnamitas tivessem mantido a luta armados pelos EUA, os guerrilheiros do Norte temiam que, se lançassem ofensivas maiores, Nixon voltaria ao Vietnã. Com a saída dele e a ascensão de um novo presidente, Gerald Ford, parecia ser hora de agir

Em março de 1975, após meses de intensa preparação, as forças do Vietnã do Norte atacaram o Sul. Com as tropas pressionadas por todos os lados, Nguyễn Văn Thiệu cometeu a decisão fatal de evacuar o Planalto Central e montar uma linha defensiva perto de Saigon e nas cidades costeiras Diante do caos, com deserções em massa de soldados e ondas de refugiados, os norte-vietnamitas logo chegaram à capital. Até que, em 30 de abril de 1975, tomaram Saigon.

Paris deu à guerra um fim aparente, mas foi com a queda da capital do Sul que finalmente terminavam os vinte longos anos de presença militar norte-americana no país asiático. A grande superpotência nuclear pode ter simbolicamen-

Mulher sul-vietnamita com seu bebê no colo e crianças sentam entre os destroços da guerra



O capacete diz "Adeus, Vietnã", enquanto fuzileiros navais do 9º Batalhão deixam a zona de guerra no Vietnã. Este foi o primeiro contingente norte-americano a sair do país asiático

Vietnamitas celebram o fim da guerra após a queda de Saigon

Telegram @clubederevistas

te ganhado com a China, no entanto, saiu derrotada do Vietnã, com 58.220 mortos – número que, somado aos aliados dos EUA, passa de 200 mil. Já do lado vietnamita, os mortos foram entre 500 mil e 1,5 milhão de soldados, mais de 600 mil civis e 400 mil laosianos e cambojanos. No total, o conflito interrompeu mais de 3,5 milhões de vidas. E interferiu em outras tantas.

Na obra documental do Apple TV+ fica evidente como os sobreviventes nunca mais foram os mesmos, independentemente do lado. "A série pode ser a última oportunidade para que esta geração, que por muito tempo evitou falar da guerra, conte sua história", alerta a produtora Caroline Marsden, nos fazendo refletir não só sobre as mudanças de quem viveu na pele, mas também na América, no Vietnã e no mundo. Não por acaso, as decisões políticas que levaram ao fim da Guerra Fria foram influenciadas pelo que ocorreu no Vietnã. E tendo o combate entre Leste e Oeste terminado sem derrotar o outro lado, hoje vivemos seus ecos, com conflitos que surgiram (e seguem surgindo) de disputas mal resolvidas entre capitalistas e comunistas. Tal como diz Bill Broyles ao fazer um paralelo entre as guerras do Vietnã e ao Terror: "Meu Deus, não aprendemos nada. Não aprendemos nada". AH

GUERRA PSICOLÓGICA

Desmoralizar o inimigo por meio de propaganda é uma das estratégias mais antigas usadas por exércitos em todo o mundo. E na Guerra do Vietnã não seria diferente. Este era o papel de Trinh Thi Ngo, uma radialista do Vietnã que ficou conhecida entre os soldados estadunidenses como "Hanoi Hanna". Em suas transmissões diárias, ela se apresentava como "A Dama da Verdade" e buscava se comunicar atingindo diretamente os militares invasores de seu país. "GI (apelido que se refere ao soldado comum dos Estados Unidos), por que você está aqui? Devia estar em casa com sua namorada, comendo hambúrguer e bebendo milkshakes", pergunta a voz da mulher.

Além de demonstrar conhecimento dos costumes norte-americanos e de provocar as tropas inimigas fazendo-as lembrarem de seus lares, havia ainda um outro elemento que tornava a misteriosa radialista ainda mais "perigosa": sua bela voz. "Isso fazia parte da atração. Escutar essa mulher...", recorda, se distraindo, o fuzileiro naval Malik Edwards, sobre uma das únicas vozes femininas entre a maior parte dos radialistas homens que falavam da guerra. Para os soldados afro-americanos, o impacto e a provocação pareciam ainda maiores. "GI, seu governo abandonou você. Você pensa que está aqui para nos libertar, mas e quanto à sua liberdade?". Entre os efeitos do trabalho de Hanoi Hannah, um dos mais reconhecidos, segundo Malik, é o impacto psicológico profundo que suas transmissões causavam no inimigo. O mais curioso, porém, é que, com as informações precisas que ela dava dos movimentos norte-americanos no Vietnã, Trinh passou a ganhar mais audiência dos militares dos EUA para saber o que ocorria na frente de batalha, já que estavam cada vez mais desconfiados de seus escalões superiores.

Telegram @clubederevistas

Telegram @clubederevistas

A RAINHA DO NILO

NEFERTITI SE CASOU COM O HOMEM MAIS PODEROSO DO MUNDO, TORNOU-SE SACERDOTISA DE UMA NOVA RELIGIÃO E ACABOU ADORADA COMO DEUSA. NO FIM DA VIDA, GOVERNOU SOZINHA O MAIOR IMPÉRIO DE SEU TEMPO

POR CLÁUDIA DE CASTRO LIMA | EDIÇÃO IZABEL DUVA RAPOPORT

Poucas vezes durante os quase 10 mil anos da história da humanidade a pessoa mais poderosa do mundo foi uma mulher. No Egito do século 14 a.C., no entanto, uma rainha que se tornaria deusa, Nefertiti, liderou o mais poderoso império sobre a terra. E por quase 20 anos, foi a pessoa mais poderosa do planeta.

O ano era 1348 a.C. e o Egito encontrava-se em sua 18ª dinastia, uma época de prosperidade e riqueza, sustentadas pelas relações comerciais com os vizinhos da Mesopotâmia e da Ásia Menor. Era um tempo de paz, quando a diplomacia egípcia evoluiu a ponto de surgirem impensadas alianças com povos antes belicosos, como o reino Mitani. Mas, se da cerca para fora tudo parecia tranquilo, em casa um furacão se formava.

No quarto ano de seu mandato, o faraó Amenhotep IV tomou a decisão que mudaria sua própria história e alteraria completamente a doce vida no Egito. Aos 16 anos, ele assumiu a corregência de seu país ao lado de seu pai no 28º ano de reinado de Amenhotep III. Em 1352, porém, após a morte do genitor, Amenhotep IV iniciou carreira solo e, aos poucos, foi colocando as manguinhas de fora.

Sem grandes explicações, o novo faraó resolveu substituir o culto ao deus Amon-Ra, o mais importante da época, pela adoração ao deus-sol Aton, representado simplesmente pelo círculo solar. Trocou seu nome para Akhenaton e proclamou-se o enviado do novo deus, em cuja homenagem mandou erigir uma cidade sagrada, Akhetaton, conhecida hoje como Tell El-Amarna, e para lá transferiu a capital do Egito, para desespero dos sacerdotes de Karnak. Antes, avisou: "Ninguém, nem mesmo minha esposa, me fará mudar de ideia".

Telegram @clubederevistas

ESPOSA INFLUENTE

A influente esposa citada nos discursos do faraó – fato raríssimo para a época – era Nefertiti, nome que significa "é chegada a bela". Não se sabe exatamente quando, nem onde, ela nasceu. É possível que Ay, um alto funcionário de Amenhotep III, pai de Akhenaton, fosse o pai da moça e que ela tenha tido algum grau de parentesco com a rainha Tiye, mãe de Akhenaton e mulher muito influente na 18ª dinastia.

Embora haja quem acredite que Nefertiti veio do reino de Mitani para o harém de Amenhotep III, herdado por Akhenaton, há pesquisas que indicam que ela era egípcia. "Isso se reforça pela tese de que Tiye e Nefertiti fizeram uma aliança: a primeira teria escolhido a segunda para ser esposa de seu filho e assim continuar tendo influência no reinado de Akhenaton, após a morte do pai dele", descreveu o egiptólogo Antonio Brancaglion Junior (1964-2021).

Nefertiti só passa a existir oficialmente após seu casamento com Amenhotep IV, quando ela tinha 14 anos. É quando começa a aparecer inscrições em estelas e talatats, pequenos blocos de pedra, a base das construções egípcias. Uma das duas mulheres de Akhenaton – a principal, que possuía o título de Grande Esposa Real –, Nefertiti começou sua história como esposa e rainha, mas, ao longo do tempo, sua influência foi aumentando. "Na implementação da nova religião que cultuava Aton, Nefertiti teve um papel fundamental", disse a historiadora Anna Cristina Ferreira de Souza, autora do livro *Nefertiti – Sacerdotisa, Deusa e Faraó*, ressaltando o caráter divino da rainha. Esse fato pode ser visto nas imagens dela gravadas nas paredes dos templos em Amarna – entre Tebas e Mênfis, a 590 quilômetros do atual Cairo. A princípio, Nefertiti aparece bem menor que Akhenaton. Mas, com o tempo, ela vai ficando cada vez maior, até alcançar o tamanho do marido – uma indicação de que seu status foi também subindo com o passar dos anos (*ver quadro ao lado*)

SACERDOTISA DE ATON

O crescimento atípico da rainha, ao lado do faraó e à frente de seu povo, é costumeiramente associado ao papel de Nefertiti na nova religião criada pelo marido. Pela primeira vez, o deus egípcio era único. Mas, para entender a mudança de religião proposta por Akhenaton e o papel de Nefertiti nessa alte- ▶

CRESCENDO E APARECENDO

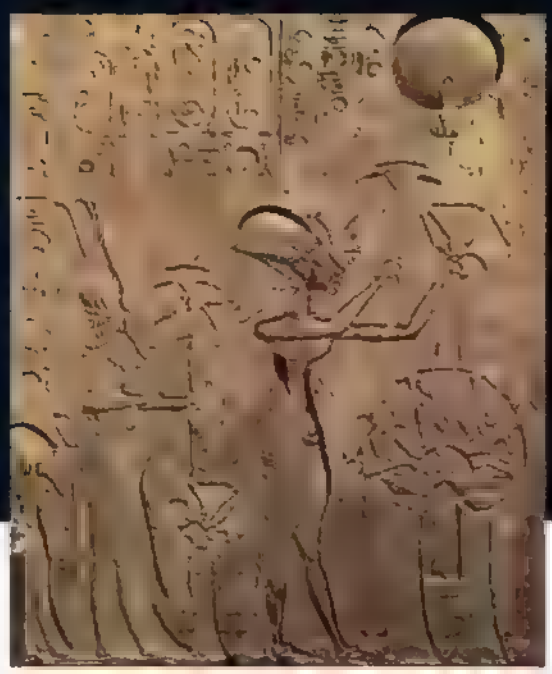
GRAVAÇÕES EM AMARNA REVELAM QUE A IMPORTÂNCIA DE NEFERTITI AUMENTOU COM O TEMPO

À SOMBRA DO REI

No começo do reinado de seu marido, a rainha aparece em tamanho desproporcional ao dele – comum na época, por causa da maior importância política e religiosa do faraó. Também era comum a arte ter uma gama limitada de cores: vermelho, amarelo, azul, verde, preto e branco – eram as únicas que conseguiam obter.

OMBRO A OMBRO

Com o tempo, a imagem de Nefertiti vai aumentando em relação à do marido. Até que ambos atingem a mesma altura. Sinal de que a relevância da rainha cresceu e atingiu patamar igual ao de Akhenaton. O rei, aliás, não alterou só a religião, mas também a estrutura vigente do país, inclusive na arte. Em seu reinado, as linhas curvas passaram a ser valorizadas. Tudo para lembrar o círculo solar do rei Aton.



Telegram @clubederevistas

1 DISCO SOLAR
As imagens de Amarna mostram o deus Aton representado pelo círculo solar que, geralmente, está no centro, irradiando raios sobre o casal real. Os cultos, agora, aconteciam à luz do dia. A nova religião também era mais branda com os fiéis: assim que morrem, eles se livram dos pecados (isso não acontecia nos outros cultos).

2 NEFERTITI
A rainha foi muito retratada em situações de família ou em rituais ao lado do rei. Também aparece oficiando rituais a Aton sozinha. Há ainda relevos que mostram seu papel importante na política: Nefertiti aparece golpeando inimigos ou na presença de cativos, atitudes que até então eram relacionadas apenas ao faraó.

3 AKHENATON
O rei era comumente retratado com cintura de mulher, coxas grossas e seios. Isso intrigava os pesquisadores, que achavam que o faraó tinha a síndrome de Frölich, uma disfunção glandular que deixava o portador infértil. Só depois percebeu-se que, como seres masculinos e femininos, o casal se assemelhava ao deus-sol.

4 CRIANÇAS
Pela primeira vez na história do Egito – e talvez de todo o Mundo Antigo – as cenas cotidianas da família real foram expostas. O casal aparece se beijando em frente às filhas, pegando-as no colo, dando comida e fazendo-lhes carinho. As crianças aparecem brincando ou chacoalhando instrumentos musicais em cultos a Aton.

Telegram @clubederevistas

ração, é preciso voltar ainda mais no tempo. Até então, a religião do Egito era formada pelo culto a diversos deuses, cujos representantes na Terra eram os próprios faraós. A origem da crença remonta à pré-história, quando tribos locais adoravam deuses e animais. "Eles acabaram sendo incorporados e até superpostos por outros cultos locais, dando origem à religião egípcia", contou Anna Cristina. Vários deuses, que apresentavam características masculinas e femininas, eram cultuados, numa forma de politeísmo, mas cada um de uma vez – o que era conhecido como monolatria.

Quando ainda era chamado Amenhotep IV, o faraó já dava indícios de sua nova fé: começou a levantar templos para Aton na cidade de Karnak, lugar de adoração de Amon-Rá. Até que oficializou o culto ao disco solar e ordenou o abandono do antigo deus. No quinto ano de seu reinado, começou a construção da nova capital, Akhetaton, o "Horizonte de Aton", que ficou pronta três anos depois. A relação com os outros deuses, a partir de então, estava rompida. Segundo a historiadora, seria como se alguém hoje proibisse que os católicos adorassem seus santos.

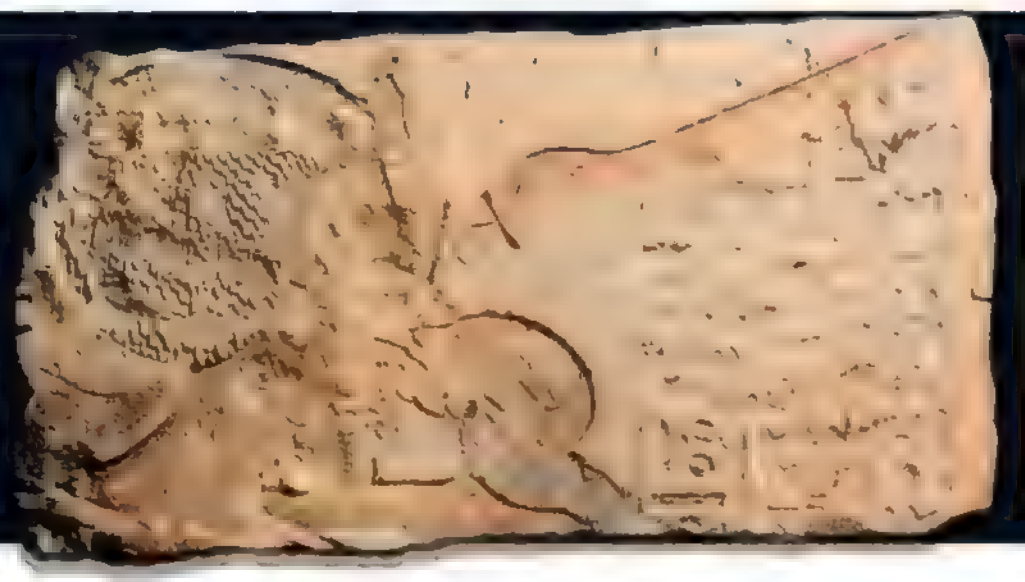
Nefertiti não usava o título de "esposa do deus" – função sacerdotal banida pela nova religião, que era exercida por mulheres virgens da alta nobreza e cujo papel estava relacionado ao nascimento divino do rei: de acordo com a mitologia, o deus Amon-Rá mantinha relações sexuais com a rainha virgem e, assim, gerava o novo rei –, mas assumiu uma posição equivalente como sacerdotisa do culto diário. Entre as funções que desempenhava, ela acompanhava cortejos religiosos e fazia oferendas. "Nefertiti contava com grande empatia e carisma entre os povos, dando alguma popularidade ao culto de Aton, que foi combatido pelos poderosos sacerdotes egípcios que preferiam os deuses tradicionais", afirmou a historiadora Deborah Vess, especialista em mulheres da Antiguidade. "Sua beleza e perspicácia, combinadas com o poder que ela adquiriu durante o reinado de Akhenaton e em sua nova religião, as tornaram uma das mulheres mais importantes da história". As outras rainhas foram simplesmente rainhas. Nefertiti não: ela virou uma deusa encarnada.

DEUSA DO SOL

Akhenaton elevou a si mesmo e sua esposa à posição de deuses vivos. A alteração se deu aos poucos. A princípio, o deus sol Aton era representado com corpo humano e cabeça de falcão. Com o passar do tempo, porém, a iconografia foi substituída por imagens da família real, que estava sempre recebendo sagradas emanações do disco solar. "Houve uma simplificação na hierarquia dos deuses do Egito: só subsistiram as figuras de Aton e do rei, que era o único meio de acesso à esfera divina", explicou Anna Cristina. "Os cultos privados passaram a ser direcionados à família real, pois só esta conhecia e podia cultuar o deus." De acordo com essa liturgia, Nefertiti assumiu papel de protagonista da história, pois

SEM OLHOS

Se a vida de Nefertiti é permeada por incertezas, após sua morte ao menos uma certeza há: a de que ela e seu marido incomodaram. Anos após a morte deles, já na 19ª dinastia egípcia, o povo destruiu a antiga cidade Akhetaton e quase todas as imagens do casal. Acusada de herege e de ter renegado os antigos deuses egípcios, Nefertiti teve os olhos de suas imagens riscados – para que ela não pudesse enxergar o paraíso após a morte.



Telegram @clubederevistas

encarnava todas as divindades femininas que os egípcios estavam acostumados a cultuar.

"Nefertiti foi certamente uma semideusa", disse Joyce Tyldesley em *Nefertiti – Egypt's Sun Queen* ("Nefertiti, a Rainha Sol do Egito"). Segundo a pesquisadora, a religião de Akhenaton era muito diferente de tudo o que havia existido até então. "O novo deus egípcio era um simples disco solar. Ele precisava de um elemento feminino nessa religião, e usou Nefertiti para esse fim." O poder do Egito, um reino em que religião e política se misturavam, antes concentrado nas mãos dos sacerdotes de Amon, passou a ser exclusivo do casal real. "É provável que o status assumido pela rainha tenha ocorrido devido a essa concentração de poder na própria família real", disse Anna Cristina – para quem Nefertiti chegou a ser considerada uma deusa viva. "Ao ser retratada com a família, a maioria das cenas relaciona Nefertiti à deusa Tefnut, o que eleva seu status à deusa encarnada, uma verdadeira revolução."

A família real passou a ser bastante retratada no reinado de Akhenaton. São comuns estelas nas quais Nefertiti aparece ao lado do marido com suas filhas. Cenas inéditas de carinho e intimidade são mostradas: Nefertiti beija o marido, acaricia as filhas, alimenta a prole. "O casal aparece muito junto, em cenas cotidianas, se acariciando. Isso nunca havia sido visto antes", contou o egiptólogo Julio Gralha. "A época de Amarna foi intrigante: além do culto mais próximo ao monoteísmo que o Egito já viveu, ela também expôs como nunca a vida cotidiana dos poderosos". As mudanças promovidas por Akhenaton foram radicais. De fato, desde o início elas atraíram a oposição dos poderosos sacerdotes. "Quem foi esperto e mudou de religião teve seu emprego garantido", descreveu Antonio. "Quem não o fez, acabou perseguido, preso e, às vezes, banido." Com o tempo, a insatisfação chegou à nobreza, incomodada pela extrema concentração de poder na figura do faraó e de sua família e, finalmente ao povo, afetado pela construção da nova cidade que levou ao aumento de impostos e inflação.

Além disso, o faraó não tinha a menor vocação para a guerra ou a política. Durante seu reinado, o Egito perdeu seus territórios na Ásia para os hititas, o que solapou a coleta de ouro e de impostos. Diante das críticas ao seu governo, Akhenaton reagiu ▶

SUCESSÃO DO REI

OS MISTÉRIOS DO TRONO DEPOIS DA MORTE DE AKHENATON

Está longe de ser consenso entre os historiadores que Nefertiti tenha assumido o trono do Egito como faraó. O que não faltam são teorias sobre a sucessão de Akhenaton. Todas elas tentam decifrar quem seria o faraó Neferneferuaten, também conhecido por Smenkhare, que reinou por um breve período, entre a morte de Akhenaton, em 1336 a.C. e a chegada ao trono de Tutancâmon, em 1332 a.C.. Além da teoria que aponta que Neferneferuaten seria Nefertiti, há uma linha de pesquisadores que defende que Smenkhare seria filho de Nefertiti e Akhenaton (embora as imagens egípcias só mostrem o casal rodeado por cinco filhas). "Ele teria governado como corregente do pai até poucos meses antes de sua morte", contou o historiador Lanny Bell. "Para alguns, Smenkhare teria sobrevivido à morte de Akhenaton e governado por quatro anos antes de morrer e ser substituído no trono por seu irmão Tutancâmon." Há ainda egiptólogos que afirmam que, após a morte do marido, Nefertiti teria pedido ajuda a um rei inimigo, do reino de Hatti (dos hititas). Ela temia que, como Tutancâmon era muito novo, uma confusão se instalasse no Egito pelo trono. O rei dos hititas teria mandado um filho seu, que teria se casado com Meritaton, a filha de Nefertiti, e assumido como o faraó Smenkhare. "É possível que o príncipe hitita tenha governado por um tempo, mas, ao tomar atitudes que desagradavam Nefertiti, teria sido morto." A própria rainha teria assumido o lugar do genro, com o mesmo nome dele. De acordo com o historiador, a confusão toda é provocada pelo fato de os egípcios costumarem proteger seus nomes. "Todos os indivíduos tinham seu nome secreto e seu nome público. Mas, no caso dos faraós, o nome público não era exatamente o nome real. Por isso, alguns possuíam até três nomes." Não à toa, no caso do sucessor de Akhenaton, outro fato que gera controvérsia é ele ter dois nomes públicos: Smenkhare e Neferneferuaten.

Telegram @clubederevistas

PARADEIRO DA MÚMIA

ARQUEÓLOGOS PODEM ESTAR PERTO DE DESVENDAR O MISTÉRIO

Uma das maiores polêmicas da tão misteriosa vida de Nefertiti é o paradeiro de sua múmia. Há duas décadas, uma egiptóloga americana, Joann Fletcher, especialista no estudo de perucas egípcias (parece bobagem, mas os apliques de cabelo são uma forma importante de identificar as múmias, já que resistem bem à decomposição), fez o maior barulho entre os estudiosos ao afirmar que havia encontrado a tumba da rainha no Vale dos Reis, em Luxor. Acabou desmentida pelo teste de DNA: o corpo indicado por Joann era de um homem. Na ocasião, a comunidade mundial de egiptólogos se manifestou e uma das respostas mais contundentes veio do egípcio Zahi Hawass – arqueólogo e ex-ministro de Antiguidades que, hoje, dedica sua vida especialmente a encontrar Nefertiti. Para ele, a americana, além de descumprir o acordo de comunicar qualquer descoberta à organização egípcia em primeiro lugar (em vez de ter ido à imprensa, como ela fez), não se baseou em evidências e provas, e sim em semelhanças faciais. Anos depois, em 2022 (no bicentenário da tradução dos hieróglifos da Pedra de Roseta, que eternizou os nomes dos soberanos, e também no centenário da descoberta da tumba praticamente intacta do menino faraó Tutancâmon), um novo alvoroço surgiu, partindo justamente de Hawass, que declarou à imprensa europeia ter encontrado não apenas a múmia da rainha, como também a de sua terceira filha, Ankhesenamon, esposa do rei Tut. Todas armazenadas no Vale dos Reis, nos túmulos KV 21 e KV 35. Caso os testes de DNA sejam confirmados desta vez, Hawass entrará para a História. Em paralelo a isso, o arqueólogo britânico Nicholas Reeves vem afirmando que os hieróglifos encontrados por ele na tumba de Tutancâmon sugerem que os restos mortais da rainha misteriosa estariam em um lugar adjacente ao do pequeno faraó, mais protegido e muito maior. Seja como for, a saga para esta confirmação, cada vez mais tecnológica, continua. (IDR)

com mais perseguição religiosa e enviou mensageiros a Tebas e Mênfis para destruir qualquer menção a outros deuses que não Aton.

SOZINHA NO PODER

Esse era o clima, em 1336 a.C., quando Akhenaton morreu provavelmente de causas naturais, aos 34 anos – a média de vida dos egípcios daqueles tempos, mesmo entre a elite, era de apenas 35 anos. Nessa época, as imagens de Nefertiti mostram-na usando paramentos típicos de faraó, como coroa e bastões. Para a maioria dos especialistas, o fato sugere que ela teria assumido o trono do Egito, primeiro ao lado do marido e, depois da morte de Akhenaton, sucedendo-o. "Embora o assunto permaneça controverso (*ver quadro da página 49*) a opinião de que ela tenha governado como rainha única é cada vez mais aceita."

Gravações em pedra encontradas em escavações no século 19 em Amarna mostram que, após a morte de Akhenaton, o Egito foi governado por um (ou uma) faraó de nome Neferneferuaten – que seria, na verdade, Nefertiti. A rainha teria governado como corregente de Akhenaton após o 13º ano de seu reinado – quando o nome "Nefertiti" desaparece das inscrições em Amarna.

Para Zahi Hawass, arqueólogo e egiptólogo egípcio, não restam dúvidas sobre o poder acumulado por Nefertiti após a morte de Akhenaton. "As imagens de Amarna mostram a rainha sozinha, liderando procissões religiosas e até à frente de exércitos, posições reservadas exclusivamente aos faraós", disse. Um dos fatos que reforça a hipótese de Nefertiti ter chegado ao mais alto cargo no Egito é que Neferneferuaten é justamente uma variação mais longa de seu nome. Além disso, vários documentos sugerem que o sucessor de Akhenaton tenha sido uma mulher.

Por outro lado, críticos à tese de que Nefertiti tenha governado sozinha o Egito apontam o fato de que o sucessor de Akhenaton tenha revogado quase tudo que o faraó fez durante seu reinado – o culto a Aton, por exemplo, foi extinto e os antigos deuses retomados menos de cinco anos após sua morte – para sustentar a hipótese de que o sucessor tenha sido outra pessoa. Afinal, por que Nefertiti abandonaria a religião do marido?

Anna Cristina chegou a levantar algumas hipóteses. "Akhenaton deixou o Egito em crise e após sua

Telegram @clubederevistas

morte, vários setores da sociedade se revoltaram contra o trono. O retorno ao culto a Amon-Rá deve ter sido uma forma que a nova faraó encontrou para contar com o apoio do maior número possível de pessoas e pacificar o país." Segundo a especialista, isso justificaria o fato de Nefertiti ter trocado seu nome e tentado romper os vínculos com o antigo regime. "Foi uma decisão importante, tomada por uma mulher que tinha exata noção de seu papel na política do Estado". O estudo do egiptólogo Antonio concorda que a motivação de Nefertiti deve ter sido política. "Ela provavelmente percebeu que a nova religião estava levando o Egito ao colapso."

Apesar disso, Nefertiti não conseguiu deter a crise religiosa e social que levou o Egito a um período de instabilidade política. Depois de apenas três anos de poder, ela teria morrido em situação nunca esclarecida. O Egito passou a ser governado pelo jovem Tutancâmon, que assumiu com 9 ou 10 anos e morreu assassinado aos 18. Para quem acredita que Nefertiti terminou seus dias como a poderosa rainha do Egito é difícil aceitar que seu corpo jamais tenha sido localizado – embora Hawas tenha dito recentemente que a achara e que aguarda o resultado de testes de DNA (*ver quadro da página 50*). Para explicar o desaparecimento, no entanto, é preciso lembrar que durante o governo de Tutancâmon, Amarna – provável local do sepultamento da rainha – foi abandonada. Os crentes de Aton foram perseguidos e a maioria dos templos construídos pelo casal depredados. Os rostos deles foram raspados das imagens esculpidas em pedra. É possível que, nessa época, a tumba da rainha tenha sido violada.

AO SER RETRATADA, A MAIORIA DAS CENAS RELACIONA NEFERTITI À DEUSA TEFNUT, O QUE ELEVA SEU STATUS À DEUSA ENCARNADA, UMA VERDADEIRA REVOLUÇÃO

SILÊNCIO ETERNO

Se Nefertiti não reinou como faraó, a outra hipótese é que ela tenha morrido no 14° ano de reinado do marido, quando seu nome desapareceu dos documentos oficiais. "Acredito que a esposa de Akhenaton foi enterrada na tumba real em Amarna, como previsto desde a época da construção da cidade", ponderou Joyce Tyldesley, autora de *Judgement of the Pharaoh: Crime and Punishment in Ancient Egypt*. ("Julgamento do Faraó: Crime e Castigo no Antigo Egito"). "Essa tumba foi saqueada na Antiguidade, e novamente no século 19. Muito pouco foi recuperado dela. Mas há uma chance de que a múmia tenha sido resgatada quando Amarna foi abandonada. Nesse caso, ela poderia estar numa tumba do Vale dos Reis, em Tebas."

Embora o período amarniano seja um dos mais estudados do Egito antigo (há mais de 2 mil livros publicados sobre a época), não há ponto final quando o assunto é Nefertiti. "Desde 1912, com a descoberta de seu famoso busto (exposto no Museu de Berlim e, hoje, alvo de campanhas egípcias para repatriação da obra), ela invadiu nossa imaginação", afirmou Deborah. "Sua beleza e o enorme poder que parece ter tido instigaram diferentes teses sobre sua vida e seu real papel na história do Egito."

"Não sabemos quase nada sobre a personalidade dela", ressaltou Julio. "Alguns pesquisadores a tratam como mãe devotada e esposa carinhosa, agradável ao público. Outros a tem como uma mulher ambiciosa, poderosa, capaz de matar para ficar no poder." Há quem defenda a tese de que Nefertiti chegou a matar Kiya, a segunda esposa de Akhenaton e mãe de Tutancâmon, só porque ela teria dado ao faraó algo que a rainha nunca conseguiu dar: um filho homem. Outros acham que foi a própria Nefertiti a cabeça da revolução religiosa que dividiu seu país e o levou à beira do colapso. Há ainda uma versão da história que afirma que Nefertiti não era o faraó sucessor de seu marido – e sim sua assassina.

Talvez as respostas para esses e outros enigmas só surjam quando o grande depósito de talatats encontrado em Amarna no século 19 for inteiramente decifrado. O que ainda pode levar décadas. Talvez não apareçam nunca e, então, Nefertiti terá levado seus segredos para a eternidade. AH

Telegram @clubederevistas

PASSADO E PRESENTE

Telegram @clubederevistas

PARA APROXIMAR A HISTÓRIA BRASILEIRA DA NOVA GERAÇÃO, LAURENTINO GOMES INICIA OBRA ILUSTRADA PELO TEMPO ATUAL, MOSTRANDO O ESCRAVAGISMO NO PAÍS COMO ALGO QUE AINDA ECOA E AGE À NOSSA VOLTA **POR MARCUS LOPES**

Nas primeiras horas do dia 8 de agosto de 1444, os moradores de Lagos, vilarejo localizado na região do Algarve, ao sul de Portugal, despertaram com uma cena inédita na pequena localidade lusitana. Meia dúzia de caravelas aportou no cais da cidade. Dos porões das embarcações, saiu uma carga jamais vista ou ao menos imaginada naquela região: 235 homens, mulheres e crianças, todos negros, em fila, atados ou acorrentados, uns aos outros. Eles haviam sido capturados na costa da África e logo seriam vendidos na praça pública, em leilão, como escravizados.

O episódio ocorrido em Lagos deu início a um dos episódios mais tristes da História do Brasil e da humanidade: a escravidão e o tráfico de negros africanos praticados pelos portugueses. Durante mais de quatro séculos, o comércio de gente não apenas foi praticado, como era incentivado pelos governantes de diversos países em diversos continentes, movimentando economias inteiras e atendendo a interesses de empresários, pessoas da alta sociedade e até da Igreja Católica.

Os portugueses e brasileiros foram os maiores traficantes de escravizados africanos, seguidos pelos ingleses, que só mudaram de postura, a partir do século 18, por pressão da opinião pública. Em 1660, foi criada em Londres a empresa conhecida por Royal African Company (RAC). Era uma companhia privada, com autorização da Coroa, que detinha o monopólio do tráfico de pessoas escravizadas por mil anos – ou seja, até 2660. Entre os acionistas da RAC estava o próprio rei Charles II, antepassado do atual rei Charles III.

"Até o final do século 19, a escravidão era o maior negócio do planeta. Quase todos os homens de negócios do mundo se envolveram, participaram ou lucraram com o tráfico negreiro, incluindo reis e chefes africanos, que forneciam cativos para seus parceiros europeus", diz o escritor e jornalista Laurentino Gomes. Em determinados momentos, o lucrativo comércio de pessoas atendeu a diretrizes de Estado e financiou episódios marcantes, como as grandes navegações ibéricas rumo à América.

"O comércio de pessoas escravizadas seria crucial para financiar as também chamadas viagens de descobrimentos, que incluíram a chegada dos portugueses ao Brasil, em 1500", explica Laurentino, autor da premiada trilogia *Escravidão* (Globo Livros), que conta em detalhes, em mais de mil páginas distribuídas por três volumes, como foi o escravismo no Brasil e as consequências negativas para o país que persistem até hoje, como o racismo estrutural e a dificuldade dos negros em ocuparem lugar de destaque na sociedade.

VERSÃO JOVEM

Após o sucesso da empreitada, com o primeiro volume lançado em 2019, o autor aproveitou para lançar uma única edição juvenil e ilustrada de *Escravidão*. Em uma linguagem fácil e acessível, marca registrada do autor de *best-sellers* como *1808*, *1822* e *1889*, que também abordam episódios marcantes da História do Brasil, a versão condensada percorre desde o primeiro leilão de africanos em Portugal, em 1444, até a assinatura da Lei Áurea de libertação definitiva dos escravizados, assinada pela princesa Isabel, em 1888.

Nesse período, mais de 12,5 milhões de negros escravizados foram embarcados para as ▶

EM 1660, UMA EMPRESA PRIVADA DETINHA O MONOPÓLIO DO TRÁFICO DE ESCRAVIZADOS POR MIL ANOS, OU SEJA, ATÉ 2660

Telegram @clubederevistas

MAIS DE 5 MILHÕES DE CATIVOS VIERAM PARA O BRASIL, ÚLTIMO PAÍS A ABOLIR A ESCRAVIDÃO

Américas, dos quais cerca de 40% – em torno de 5 milhões – desembarcaram no Brasil, último país a abolir o cativeiro humano. Para efeitos de comparação, é mais do que a soma das populações das cidades de Salvador (BA) e Belo Horizonte (MG), de acordo com o Censo 2022 do IBGE. Em alguns países africanos, mais de 80% da população foi capturada pelo tráfico negreiro, o que, em parte, explica o precário desenvolvimento econômico e social que se consolidaria nos séculos seguintes

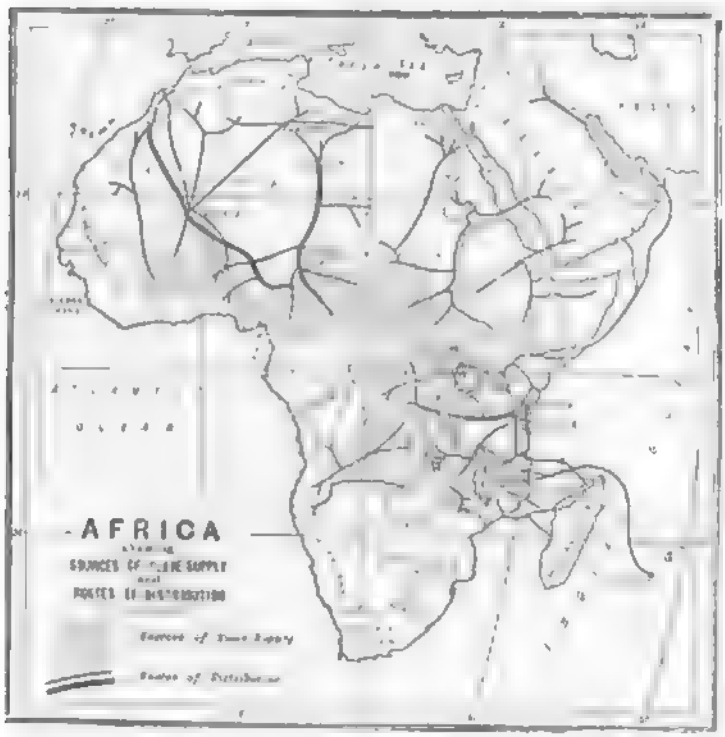
Durante a travessia do Oceano Atlântico, muitos aprisionados morriam – estimativas apontam a morte de mais de 20% do total dos embarcados – e os corpos eram simplesmente atirados no mar. O índice de mortalidade nos navios negreiros, também chamados de tumbeiros, era tão alto que as embarcações eram acompanhadas o tempo todo por cardumes de tubarões que se alimentavam dos corpos. Aqueles que não resistiam à viagem, por causa de doenças ou maus-tratos, eram considerados "perda de carga" e havia até apólices de seguros oferecidas por companhias para compensar os traficantes

Após o desembarque, os escravizados eram comercializados e submetidos a todos os tipos de humilhações, trabalhos forçados e viviam muito pouco, em consequência das condições degradantes de vida. Eram comprados e vendidos como animais domésticos e nunca receberam qualquer tipo de compensação, ajuda ou auxílio antes ou após a Lei Áurea

Segundo o autor do livro, o objetivo da nova edição, que também é uma boa opção para quem, independentemente da idade, pretende se dedicar a uma leitura mais ágil em relação ao tema, é esclarecer aos mais jovens que o escravismo no Brasil não foi mais brando do que em outros lugares e afastar a crença de que o país preza por uma "democracia racial", em que todas as raças convivem de maneira igual e pacífica. Mais ainda: afastar a versão de que a escravidão teria sido promovida pelos próprios africanos em disputas tribais e que os europeus não teriam culpa alguma.

"Essa é a versão que convém a quem descende de escravizadores ou não se preocupa com a herança perversa do escravismo entre nós", explica Gomes. "Oficialmente, o Brasil aboliu o cativeiro com a Lei Áurea, de 13 de maio de 1888, mas seu legado está presente em diferentes formas da nossa sociedade, como na desigualdade, na pobreza, na falta de oportunidades e na violência que atingem a população negra e parda", completa o autor, que também aborda nos capítulos a escravização e o extermínio dos indígenas

A opinião é compartilhada com o escritor e roteirista Luiz Antonio Aguiar, responsável pela adaptação do conteúdo original aos leitores mais jovens. "Creio que a decisão de colocar essa releitura da História do Brasil acessível aos jovens é fundamental para que eles, assim como todos nós, possam refletir sobre a enormidade da tarefa de remover de nossa sociedade, em todos os níveis, as sequelas da escravidão, e possamos agir efetivamente nesse sentido", diz Aguiar.



Mapa dos anos 1880 mostra as fontes de fornecimento de escravizados e as rotas de distribuição

Telegram @clubederevistas

Mural em homenagem a George Floyd, estrangulado por um policial branco em 2020, nos EUA

O ECO DO ESCRAVAGISMO

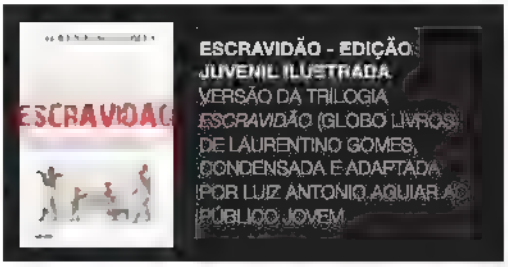
O trabalho de adaptação da obra foi feito em consonância com o autor "Minha primeira preocupação foi iniciar pelo presente, por aquilo que é mais próximo do jovem. Ou seja, mostrar o escravagismo como algo que ainda ecoa e age à nossa volta", diz Aguiar. Não à toa, o livro começa relembrando dois episódios que envolvem discussões raciais.

O primeiro ocorreu em 25 de maio de 2020, em Minneapolis, nos Estados Unidos, quando George Floyd, um homem negro, foi estrangulado até a morte por um policial branco que o imobilizava no chão. A cena da morte de Floyd viralizou na internet e desencadeou uma série de protestos no mundo inteiro, dando força ao movimento "Vidas Negras Importam", contra a violência da polícia norte-americana em relação aos negros.

O segundo episódio citado ocorreu no Brasil, em 6 de maio de 2021, na Favela do Jacarezinho, no Rio de Janeiro. A favela foi palco da ação policial mais letal já realizada no estado do Rio, resultando na morte de 28 pessoas. Parte das vítimas era de moradores sem antecedentes criminais, algumas executadas de forma sumária após se entregarem à polícia, sendo a maioria negra, entre homens e mulheres.

LIVRO COMEÇA RELEMBRANDO DOIS EPISÓDIOS ATUAIS QUE ENVOLVEM DISCUSSÕES RACIAIS

Outro alerta importante citado no livro é fornecido pela Anti-Slavery International, a mais antiga entidade de defesa dos direitos humanos, sucessora da British Anti-Slavery Society, fundada em 1823, para combater o tráfico negreiro. Dados da organização mostram que existem hoje, em pleno século 21, mais pessoas escravizadas do que em qualquer período dos séculos de escravidão africana nas Américas "Seriam mais de 40 milhões de pessoas vivendo e trabalhando em condições análogas à escravidão, mais do que o triplo do total que foi traficado até meados do século 19"



Telegram @clubederevistas

"VI UM PICA-PAU"

Durante as férias, com apenas 8 anos, Michał Skibiński recebeu uma tarefa como condição para passar de ano na escola: escrever uma frase por dia sobre qualquer coisa que tivesse acontecido em sua vida. "Fui com meu irmão até a beira de um riacho", diz a primeira recordação. Outras lembranças seguiram revelando a rotina da criança no âmago de sua inocência: "Tomei um sorvete no cassino".

Os registros do garoto, porém, logo se tornariam o retrato de tempos difíceis. Os passeios em família e brincadeiras deram espaço a um futuro de incertezas: "Começou a guerra".

Nascido em Varsóvia, na Polônia, Michał escreveu a primeira frase em 15 de julho de 1939, poucas semanas antes da invasão da Alemanha nazista ao seu país. Poucos meses depois, na madrugada de 1º de setembro, os alemães lançaram um ataque-surpresa contra a Polônia, utilizando uma força avançada de mais de 2 mil tanques apoiados por quase 900 bombardeiros e cerca de 400 aviões de combate.

Aos poucos, momentos simples de um diário infantil dão lugar aos horrores da guerra

Com mais de 1,5 milhão de homens, as forças da Alemanha logo romperam as defesas na fronteira e avançaram sobre a capital, Varsóvia, realizando um cerco ao redor da cidade. "Lançaram uma bomba perto da gente", destaca o caderno em 6 de setembro. Na sequência, mais registros da Segunda Guerra: "Os alemães ocuparam a cidade", "Os aviões não param de circular", "Ouvimos disparos de canhões". A vida já não era mais alegre, mas ainda havia esperança: "Varsóvia continua a se defender com valentia".

Diferentemente de outros registros famosos do período, como *O Diário de Anne Frank*, a escrita do garoto é simples, com frases curtas e poéticas, mas não menos sentimentais e importantes: "Fiquei me escondendo dos aviões"

Com reprodução de anotações reais digitalizadas com a caligrafia de Michał, o livro *Hoje Eu Vi um Pica-pau* (Editora Baião) ainda oferece as nuances da vida da criança por meio de ilustrações da polonesa Ala Bankroft. Na obra, conforme a crise se agrava, as cores vívidas e alegres vão ganhando tons escuros e esfumaçados; e a narrativa delicada se contrapondo com a destruição do conflito. Aos poucos, os momentos simples são ocupados pela complexidade da guerra

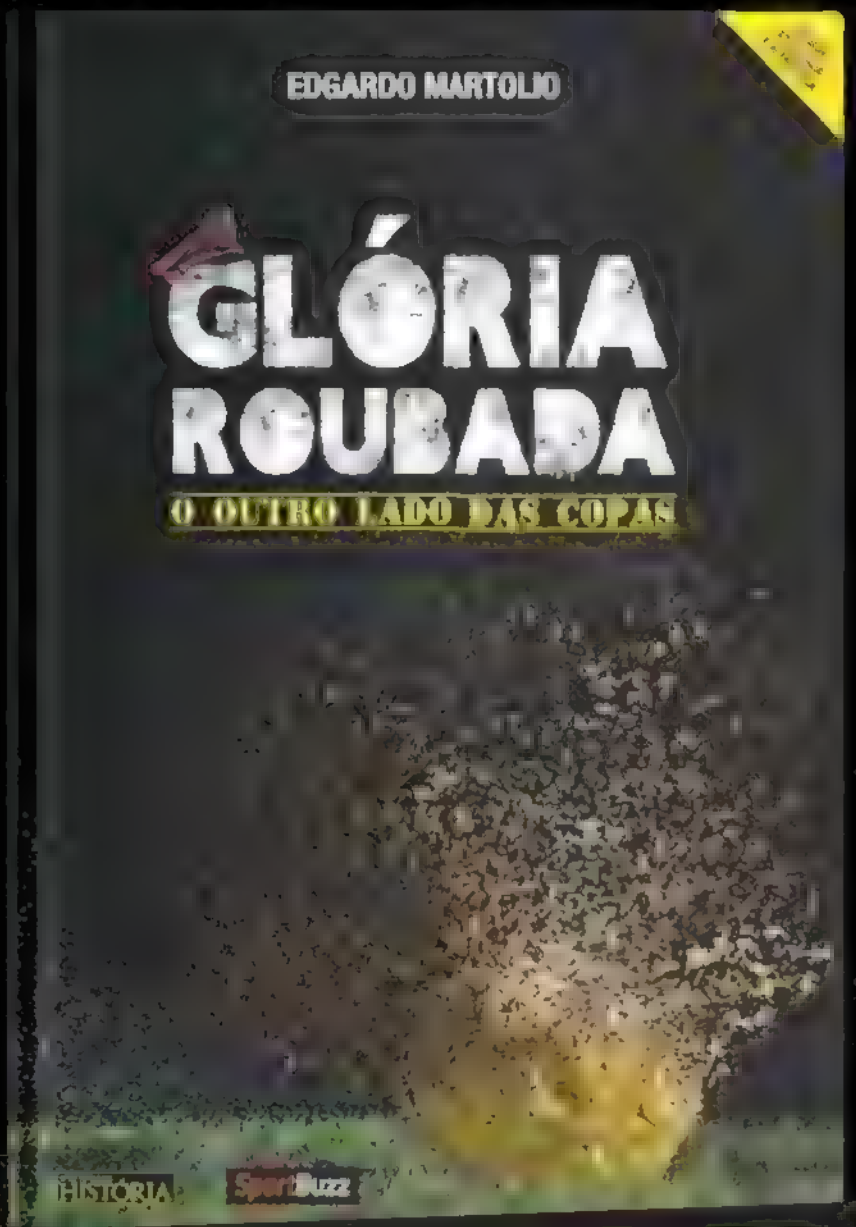
No dia 29 de agosto de 1939, um respiro de alívio: "Papai veio me visitar". Aquela, porém, seria a última vez que o veria. Aviador, o pai de Michał morreu durante uma campanha, em 9 de setembro, no dia seguinte do registro: "Dei comida para as galinhas e pintinhos". A última anotação, "Um avião inglês lançou três bombas sobre o Exército", de 15 de novembro de 1939, não possui ilustração. A frase reverbera os rumores e a expectativa de que os ingleses pudessem ajudar os poloneses. Algo que jamais aconteceu.

Mas Michał resistiu. Após a guerra, concluiu o ensino médio e se dedicou à educação de pessoas surdas. Nos anos 1970, enfrentou a morte da mãe e voltou ao passado ao reencontrar seu diário que, assim como ele, sobreviveu aos tempos difíceis. Os registros chegaram às mãos de seus sobrinhos, que confiaram o material à editora polonesa Dwie Siostry, responsável pela publicação original da história, em 2019. Atualmente com 95 anos, Michał vive (desde 1997) em uma casa de repouso para padres idosos.

FABIO PREVIDELLI É JORNALISTA E REPÓRTER DA VERSÃO ONLINE DE AVENTURAS NA HISTÓRIA. NESTE ESPAÇO, ESCREVE SOBRE BIOGRAFIAS QUE FORAM ESQUECIDAS NA HISTÓRIA

Saiba tudo sobre o lado mais sombrio das Copas do Mundo

A obra aborda os casos mais notáveis de interferência ditatorial nas Copas do Mundo, desde a primeira, em 1930, até as mais atuais. Entenda como governos totalitários podem interferir em suas seleções e também nos resultados da competição.



À venda nas melhores livrarias.

AVENTURAS NA HISTÓRIA SportBuzz

Telegram @clubederevistas

A PSICOLOGIA ANTES DE FREUD

Facilitados pela mídia social, vivemos hoje numa sociedade em que se generalizou o narcisismo, que, do ponto de vista da mídia impressa, não difere tanto de quando se introduziram os jornais diários (1650) ou do tempo da imprensa de Gutenberg (1450), que permitiu imprimir mecanicamente os livros a serem distribuídos em quantidade, sem a necessidade de copiá-los um a um. Indo mais para trás, considerando o desejo humano (narcísico) de comunicar ao mundo uma nova descoberta, tal conceito (narcisismo) existia desde Sócrates, quando ele deu início à filosofia com a proposta de investigar a natureza com auxílio da linguagem. Com tanto questionamento, descobriu-se a química, a biologia, a física, a medicina, além de outras, incluindo a psicologia, em 1856, com Wilhelm Wundt.

Este recuo no tempo revela não ser o narcisismo um fenômeno atual, que dissemina pelas redes um interesse do "eu" se mostrar superior aos demais. É antigo o desejo de ser o primeiro, o descobridor, o comunicador de algo novo à sociedade, indicando caminho e inteligência. Isso não foi diferente com o escritor brasileiro Machado de Assis (1839-1908), que reconheceu ter em si uma incrível superioridade na linguagem – em *Os Imortais*, de 1859, ele compreende que imortais são os autores de livros (inclusive da *Bíblia*) – e confessou a Quintino Bocaiuva, em 1862, o seu projeto de criar uma nova psicologia por meio da literatura.

Um pouco adiante veio o fundador da psicanálise Sigmund Freud (1856-1939), que tomou a hipótese de que o inconsciente forçaria o retorno do reprimido sob a forma de sintomas. Baseado nessa ideia, nunca tida até então, estaria seu desejo de superioridade, pelo que pretendeu alcançar a imortalidade, tal como informa a Wilhelm Fliess, aos 44 anos, em carta de 1900.

Imortalidade é um conceito no narcisismo Em 1914, Freud foi descobrir que, nessa ideia, o inconsciente estava, na verdade, no narcisismo agindo nele mesmo pelo seu desejo de sucesso – que, por sua vez, vem do infantil, de quando a criança imita o adulto no instante em que, nela, nasce o narcisismo, entre 1 a 5 anos de idade. Ou seja, o narcisismo que Machado tomou aos 19 anos, Freud foi descobrir tardiamente, aos 56.

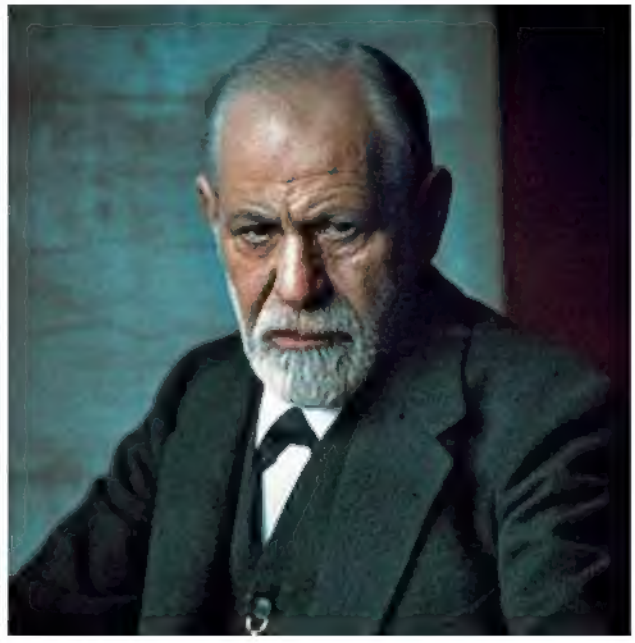
Ao tornar esse desejo no primeiro instrumento analítico para seu projeto literário, Machado produziu muito, reunindo conceitos que, mais tarde, apareceram em Freud.

O narcisismo que Machado de Assis viu aos 19 anos, Freud foi descobrir aos 56

Um deles veio da "travessia do Rio Rubicon", expressão idiomática tirada do ato grandioso de Júlio César em 49 a C , que significa tomar uma decisão arriscada, sem retorno. Em Freud, o medo da travessia é o temor da castração ou da lei, de estar fazendo algo benéfico para a humanidade, mas inconveniente para si mesmo, pelo qual pode ser punido – como acontece no mito de Prometeu no Cáucaso, outro conceito presente em Machado. Na mitologia grega, Prometeu roubou o fogo dos deuses e deu aos homens, na tentativa de garantir a superioridade humana sobre os outros animais. E foi castigado por isso.

Outro conceito que aparece nas obras de Machado é a arte da petalogia, herdada do jornalista Francisco de Paula Brito, que, em Freud, é o chiste. A linguagem é petalógica, pois permite dizer o falso e o verdadeiro quase que simulta-

Telegram @clubederevistas



neamente. É comum, em seu infantilismo de grandiosidade, o ser humano faltar com a verdade, vir a mentir, iludir, fazer outros de tolo, podendo se prejudicar se descoberto.

Além desses, Machado derivou ainda outros conceitos da Antiguidade, vistos depois nos estudos de Freud, como o mito da lanterna de Diógenes (a busca por homens honestos), da amizade inseparável entre Pílades e Orestes (a importância da relação a dois) e do caiporismo (instabilidade oriunda de um choque psicológico), sempre afetando o chamado narcisismo.

Repete-se, então, na clínica, aquilo que Machado detectou existir nas relações sociais e nas famílias. Ou seja, foi do fato de esses conceitos estarem presentes na cultura que Machado de Assis conseguiu, antes de Freud, por meio da literatura, criar uma psicologia que, depois, foi explícita e estudada em cursos de psicologia e nas escolas de psicanálise.

Vale ressaltar que o escritor nunca demonstrou claramente ter a pretensão de publicar um compêndio de psicologia; e ocultou seu narcisismo valendo-se de personagens para isso. "Esta conclusão tão absoluta não seria por isso mesmo errônea, e não vinha, portanto, destruir o largo e majestoso edifício da nova doutrina psicológica? A questão é científica, dizia ele; trata-se de uma doutrina nova, cujo primeiro exemplo sou eu. Reúno em mim mesmo a teoria e a prática", descreveu o autor em *O Alienista*, de 1882.

Três anos depois, em *O Cônego ou a Metafísica do Estilo*, escreve: "Nesse dia – cuido que por volta de 2222 – o paradoxo despirá as asas para vestir a japona de uma verdade comum. Então esta página merecerá, mais que favor, apoteose. Hão de traduzi-la em todas as línguas. As academias e institutos farão dela um pequeno livro, para uso dos séculos, papel de bronze, corte dourado, letras de opala embutidas e capa de prata fosca. Os governos decretarão que ela seja ensinada nos ginásios e liceus. As filosofias queimarão todas as doutrinas anteriores, ainda as mais definitivas, e abraçarão esta psicologia nova, única verdadeira e tudo estará acabado. Até lá passarei por tonto, como se vai ver".

O prognóstico do escritor teria se cumprido com o pequeno livro *O Imortal Machado de Assis – Autor de Si Mesmo*, que traz dividido em capítulos todos os conceitos citados.

ADELMO MARCOS ROSSI É FUNDADOR DO GRUPO DE PESQUISA DO NARCISISMO E AUTOR DO LIVRO *A CRUEL FILOSOFIA DO NARCISISMO – UMA INTERPRETAÇÃO DO SONHO DE FREUD* | @ADELMOMARCOSROSSI

Telegram @clubederevistas

MISSÃO CUMPRIDA

Pela façanha de unir toda a população da Grã-Bretanha em torno de um objetivo comum: derrotar o nazismo, e pela missão cumprida de salvar a Europa no momento em que a supremacia de Hitler parecia incontornável na Segunda Guerra Mundial, o primeiro-ministro britânico Winston Churchill (1874-1965) é considerado um dos nomes mais relevantes do século 20 e o maior britânico de todos os tempos, segundo a BBC o elegeu em 2002. Por sua história e, principalmente, por sua personalidade, para sempre ele será lembrado como o estadista destemido e confiante, com um plano claro em mente e eloquência de sobra para convencer até mesmo seus opositores de que conduzia o país – e, por tabela, o continente europeu – para a direção certa.

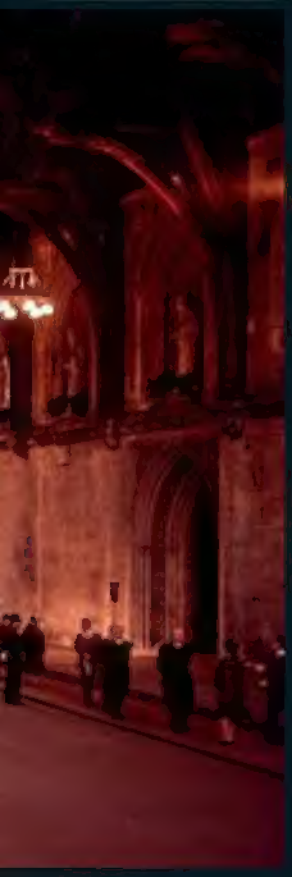
Os conservadores diziam que Churchill era um desequilibrado; os progressistas, um reacionário. Controverso, irreverente, consumidor de doses diárias de conhaque, o mesmo homem que exigia muito dos que o cercavam e explodia em duelos verbais, podia se derreter em lágrimas caso se comovesse, sem se envergonhar por isso. Diziam que seus defeitos sobressaíam num primeiro momento, para mais tarde serem ofuscados por suas virtudes, entre elas, o fato de aprender com os próprios erros. "Assim foi com a população da Grã-Bretanha, inclusive com não poucos dos seus antigos adversários e críticos em 1940 e depois", conta o historiador John Lukacs no livro *Churchill: Visionário, Estadista, Historiador* (editora Jorge Zahar).

Vítima de um acidente vascular cerebral há 60 anos, o político morreu em 24 de janeiro de 1965, aos 90. Na ocasião, a rainha Elizabeth II (1926-2022) concedeu a Churchill a rara honra de um funeral de Estado, possibilitando a 320 mil enlutados prestarem suas últimas homenagens ao estadista durante os três dias de velório no Palácio de Westminster, em Londres. Seu funeral, o maior do mundo na época, teve a presença de líderes de mais de 100 países, além das milhares de pessoas, numa procissão do Parlamento até a Catedral de St. Paul.

Entre elas, estava Lukacs, que viu de perto o povo inglês se consternar por "uma figura do porte de Davi, sepultada com a pompa e o reconhecimento dignos de um grande patriarca do Antigo Testamento".

IMAGENS GETTY IMAGES

Telegram @clubederevistas



Telegram @clubederevistas

NOS AJUDE A
PROTEGER
A VIDA

WWF

#JuntosÉpossível
doe.wwf.org.br

O WWF-Brasil desenvolve, há mais de 23 anos, projetos e iniciativas de conservação do meio ambiente para que a sociedade brasileira conviva em harmonia com a natureza, em benefício das gerações atual e futura.

wwf.org.br

SIGA NOSSAS REDES
WWF-Brasil

ISBN: 9 786580 901593
9 786580 901593
EDIÇÃO 260 | JANEIRO/2025
R$ 29,90